



UNIVERSIDADES FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS

FERNANDA APARECIDA GIONGO

REQUADRO FEMININO:
FEMINILIDADE E GÊNERO A PARTIR DA TIRA ALINE DE ADÃO ITURRUSGARAI

ERECHIM

2018

FERNANDA APARECIDA GIONGO

REQUADRO FEMININO:

FEMINILIDADE E GÊNERO A PARTIR DA TIRA ALINE DE ADÃO ITURRUSGARAI

Dissertação de Mestrado, apresentada para o Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Vojniak

ERECHIM

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

G496r Giongo, Fernanda Aparecida
 Requadro feminino: feminilidade e gênero a partir da tira de Aline de
 Adão Iturrusgarai./Fernanda Aparecida Giongo. - 2018.
 79 f. il.

 Orientador: Dr. Fernando Vojniak
 Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas)- Universidade Federal da
 Fronteira Sul, 2018.
 Inclui Bibliografias

 1. Feminismo. 2. História em quadrinhos. I. Vojniak, Fernando. II.
 Título.

CDD: Ed. 23 – 305.42

FERNANDA APARECIDA GIONGO

**REQUADRO FEMININO: FEMINILIDADE E GÊNERO A PARTIR DA TIRA ALINE
DE ADÃO ITURRUSGARAI**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas, defendido em banca examinadora em 27/09/2018

Orientador (a): Prof. Dr. Fernando Vojniak

Aprovado em: 27/09/2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fernando Vojniak - UFFS Orientador

Prof. Dra. Ivone Maria Mendes Silva - UFFS

Prof. Dra. Marlene de Fáveri - UDESC

Erechim/RS, Setembro 2018

Dedico à minha mãe, que sempre foi minha
inspiração e à todas as meninas e mulheres
que, assim como Aline, transgrediram e lutam
por liberdade.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é imensa após o término de um trabalho longo e cansativo. Gratidão pela finalização e por ter alcançado com sucesso o objetivo. Mas principalmente, gratidão pela jornada e pelas pessoas que comigo dividiram esse caminho até a conquista.

Primeiramente agradeço ao meu orientador, Fernando Vojniak, que abraçou a temática e me guiou durante o processo de escrita desse trabalho. Também aos professores do Curso de História da UFFS *campus* Chapecó Ricardo Machado e Claiton Márcio, que acreditaram no potencial da pesquisa e que sempre me apoiaram.

Aos professores do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e aos colegas de classe, em especial os colegas que dividiram as viagens Chapecó-Erechim, Ana Paula, Antônio e Marília. Vocês tornaram esse processo mais leve e divertido. Nossos momentos serão sempre lembrados com carinho.

Agradeço às amigas Eduarda e Jhenifer, que mesmo longe, sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos e que sempre acreditaram que um dia esse sonho se realizaria. Meu coração transborda de amor e gratidão por vocês duas.

Ao meu amor, Leonardo, que esteve presente em todas as etapas da construção dessa pesquisa. Que ajudou com as análises e também com as dificuldades de escrita, sendo luz quando eu achava que não ia conseguir. Obrigada pelo apoio, pelo carinho e por trazer calma ao meu coração agitado, te amo!

Agradeço aos meus familiares por sempre me incentivarem no caminho acadêmico. E principalmente à minha mãe, Edi, por todo o amor que sempre me deu. Por ser exemplo de mulher e por ser inspiração para minha vida. Te amo, com todo o meu coração!



Alexandre Beck 2867/18

Armandinho por Alexandre Beck, 12 de Set, 2018

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar a possibilidade de pensar sobre as noções de feminilidade, hegemônica ou não, como característica feminina a partir da história em quadrinhos Aline, desenhada pelo cartunista Adão Iturrusgarai e publicada no jornal Folha de São Paulo entre os anos de 1996 e 2004. Propõe-se uma discussão sobre a feminilidade apresentada pela personagem principal, Aline, que apresenta características diferentes daquelas pré-concebidas para a formação do 'ser' mulher, e de que forma os comportamentos da personagem dialogam com expressões da luta feminista no final do século XX e início do século XXI tais como a busca pelo prazer sexual e o direito à soberania do próprio corpo. A base teórica é a análise de Michel Foucault em História da Sexualidade I, mostrando a sexualidade como uma característica subjetiva dos sujeitos, que marca as identidades e as relações de poder com base nos discursos regradados que governam e moldam essas identidades. A análise também fundamenta-se através de autoras como Judith Butler e Simone de Beauvoir para tratar sobre a feminilidade como uma construção social e identitária. Graças à representatividade do caráter político que as histórias em quadrinhos possuem, e também por serem produtos culturais de fácil acesso, essa pesquisa utiliza-as como objeto de análise. A história em quadrinhos, em especial a tira Aline, permite pensar questões específicas sobre sexualidade, feminilidade e feminismo.

Palavras-chave: Feminilidade. Feminismo. Histórias em quadrinhos. Aline.

ABSTRACT

This research aims to analyze the possibility of thinking about the notions of femininity, hegemonic or not, as a feminine characteristic through the comics strip Aline, drawn by cartoonist Adão Iturrusgarai and published in the Folha de São Paulo newspaper between the years of 1996 and 2004. It is proposed a discussion about the femininity presented by the maincharacter, Aline, who presents diferente characteristics from those preconceived for the formation of the 'being' woman, and in what way the behaviors of the character dialogue with expressions of the feminist fight at the end of the XX century and early XXI century such as the search for the sexual pleasure and the right to the sovereignty of the self body. The theoretical basis is Michel Foucault's analysis in History of Sexuality I, showing sexuality as a subjective characteristic of subjects, which marks the identities and relations of power based on the ruled discourses that rules and shape these identities. The analysis is also based on authors such as Judith Butler and Simone de Beauvoir to deal about the femininity as a social and identitary construction. Thanks to the representativeness of The political character that comics trips have, and also to being easily accessible cultural products, this research uses them as object of analysis. The comicstrip, especially the strip Aline, allows you to think specific questions about sexuality, femininity and feminism.

Keywords: Femininity. Feminism. Comics. Aline.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	22
Figura 2 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	23
Figura 3 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	28
Figura 4 - Aline, 40 por Adão Iturrusgarai.....	37
Figura 5 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	38
Figura 6 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	38
Figura 7 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	38
Figura 8 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	40
Figura 9 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	40
Figura 10 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	42
Figura 11 - Big Bang Bang por Adão Iturrusgarai.....	42
Figura 12 - Big BangBang por Adão Iturrusgarai.....	43
Figura 13- Aline por Adão Iturrusgarai.....	45
Figura 14 – Aline por Adão Iturrusgarai.....	46
Figura 15 - Big Bang Bang por Adão Iturrusgarai.....	47
Figura 16 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	48
Figura 17 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	49
Figura 18- Aline, por Adão Iturrusgarai.....	50
Figura 19- Aline, por Adão Iturrusgarai.....	50
Figura 20- Aline, por Adão Iturrusgarai.....	50
Figura 21- Aline, por Adão Iturrusgarai.....	53
Figura 22- Aline, por Adão Iturrusgarai.....	54
Figura 23- Aline, por Adão Iturrusgarai.....	54
Figura 24 - Aline, por Adão Iturrusgarai.....	55
Figura 25 - Aline, por Adão Iturrusgarai.....	55
Figura 26 - Big BangBang por Adão Iturrusgarai.....	57
Figura 27 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	57
Figura 28 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	58
Figura 29- Aline por Adão Iturrusgarai.....	59
Figura 30 - Big BangBang por Adão Iturrusgarai.....	60
Figura 31 - Big BangBang por Adão Iturrusgarai.....	61
Figura 32 - Aline por Adão Iturrusgarai.....	61

Figura 33 - Aline por Adão Iturrusgarai.....62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OS QUADRINHOS E AS POSSIBILIDADES DE PESQUISA	16
2.1 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO PRODUTO CULTURAL.....	16
2.2 POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	20
2.2.1 Sexualidade e prazer.....	22
2.2.2 Corpo e beleza.....	26
2.2.3 Gênero e feminilidade	29
3 CRIADOR E CRIATURA: APARECIMENTO DE ALINE.....	35
3.1 ADÃO ITURRUSGARAI, O CRIADOR.....	35
3.2 ALINE: A CRIATURA E SEU TEMPO	36
4 FEMINISMO E GÊNERO EM ALINE	45
4.1 FEMINILIDADE E PADRÃO DE BELEZA.....	45
4.2 MASCULINIDADE E VIRILIDADE	52
4.3 SEXO, PRAZER E OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS	70
ANEXO A – ENTREVISTA COM ADÃO ITURRUSGARAI.....	75

1 INTRODUÇÃO

Publicada em tiras pela primeira vez em 26 de julho de 1996 no jornal Folha de São Paulo, sob o título *Big BangBang*, Aline conta a história de uma jovem que mora em seu apartamento com seus dois namorados, Otto e Pedro. Publicada no caderno *Ilustrada* e a princípio semanal, posteriormente as tiras passaram a ser diárias e depois voltam a ser semanais, eram publicadas em preto e branco até o início dos anos 2000. A partir do final de 2000 e início de 2001 as tiras passam a ser coloridas, acompanhando a evolução gráfica do jornal. Atualmente Adão ainda trabalha na Folha de São Paulo, publicando outras criações suas, como *Rocky e Hudson*, *La vie en rose* e o *Homem Legenda*. Para o autor das tiras, a ideia de criar um triângulo amoroso poderia render muitas piadas, conforme afirmou em entrevista¹, por isso a escolha (ITURRUSGARAI, 2009). Suas tiras não são meramente ilustrativas ou charges com conteúdo crítico sem humor. As histórias de Iturrusgarai são marcadas pelo ar humorístico, característica fundamental de seu trabalho.

Por meio das histórias desse triângulo amoroso, Adão trata de forma muitas vezes inusitada temas relativos à sexualidade, trabalho, corpo, feminismo etc. Segundo Iturrusgarai (2011), em entrevista concedida ao site da editora L&PM, Aline é inspirada em diversas pessoas, “[...] acho que ela é meio que um mosaico” afirma. Ainda segundo o autor da personagem, a ideia era ser uma história do triângulo amoroso, mas, finalmente, Aline ganhou mais destaque e, com o passar do tempo, a tira passou a levar o seu nome. Aline é uma mulher que assumidamente gosta de sexo e fala abertamente sobre isso. Esse posicionamento já mostra que Aline não se encontra nas formas de feminilidade hegemônicas. Por isso, a tira faz pensar o hegemônico e o não hegemônico nas relações de gênero, mas sobre tudo na feminilidade.

Este trabalho objetiva, com olhar analítico nas tiras de Aline, compreender a feminilidade expressa na personagem e a relações com a sexualidade. Visto isto, procurou-se compreender a forma como comportamentos associados à personagem Aline e a feminilidade que ela expressa dialogam com aspectos da luta feminista no início do século XXI, como a busca pelo prazer sexual e o direito à soberania ao próprio corpo. Desta forma, a pergunta que este trabalho procurou responder é qual a feminilidade apresentada pela personagem e como ela encara a relação dessa feminilidade com sua sexualidade. Para isso, um dos objetivos foi reconhecer como a personagem encara sua sexualidade e questões ligadas ao prazer sexual

¹Disponível em: <<https://renatofelix.wordpress.com/2009/10/01/entrevista-adao-iturrusgarai-criador-de-aline/>>
Acesso em: 27 maio 2018.

feminino a partir dos diálogos e ações que compõe a tira. Também se buscou identificar o caráter político e cultural das histórias estabelecendo relações entre as histórias e os valores recorrentes à época.

As histórias em quadrinhos apresentam os mais variados temas e personagens. As personagens femininas estiveram presentes desde o princípio, mas durante algum tempo elas ocuparam um papel secundário. Com a ascensão do feminismo e das discussões a respeito da mulher em nossas sociedades, as personagens femininas passam a ganhar maior destaque nas revistas e histórias em quadrinhos. Aline, do cartunista Adão Iturrugarai, conduz a história de uma jovem adulta que vive com seus dois namorados, em meio à agitação da vida paulista dos anos 1990 e 2000. As tiras utilizadas como objeto dessa pesquisa, apresentam diversas características do meio social em que o autor se insere e onde a história ocorre. As tiras de Aline permitem que debates de gênero e sexualidade sejam suscitados nas páginas diárias do jornal A Folha de São Paulo.

Atualmente, o uso de história em quadrinhos como fonte de pesquisa ainda é mais comum nas áreas da comunicação sendo pouco analisado pelos historiadores e pelos pesquisadores das ciências humanas. No entanto, os *Annales*, já nos anos 1930, defendiam um tipo de História que levasse em conta o acréscimo de novas fontes à pesquisa e utilizando novas abordagens. Febvre(1985 apud CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 401) já afirmava que era preciso trabalhar “[...] em suma, com tudo o que, sendo do próprio homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significante a sua presença, atividade, gosto e maneira de ser”.

Os *Annales*, em 1930, compreendiam que a história só se realizaria a partir da “[...] colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras” (BURKE, 2010, p. 12.). Para os pesquisadores dos *Annales*, era necessário superar a história tradicional, pois ignorava o sujeito humano como ser ativo do processo histórico, e levava em conta apenas os fatores externos a ele. O surgimento de outra forma de analisar as questões históricas foi trazido pelos *Annales* a partir da busca incansável pela fundamentação e apropriação de conceitos e metodologias de diferentes ciências humanas.

Essa ideia de uma história ‘nova’ se caracteriza por ir contra esse paradigma tradicional, ou seja, “[...] a base filosófica da Nova História é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída” (BURKE, 2011, p. 11). Roger Chartier vai afirmar a existência de uma história cultural do social, em que as percepções sobre os discursos não são neutras. Para ele é possível pensar numa história cultural do social que:

[...] tome por objecto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (CHARTIER, 1987, p. 19).

O debate interdisciplinar, a partir da História, deve encontrar problematizações em torno de linguagens que constituem elementos culturais modernos. Essas linguagens podem ser entendidas como formas de expressão cultural da sociedade, podendo ser literatura, publicidade, rádio, televisão e histórias em quadrinhos, por exemplo. Os trabalhos vinculados a uma História Cultural, ou ainda como chamou Sandra Pesavento, uma Nova História Cultural acompanham o surgimento de parceiros novos “[...] em função das questões formuladas, as temáticas e objetos novos, das também renovadas fontes com as quais o historiador passa a trabalhar” (PESAVENTO, 2012, p. 64). Dessa forma, a História passa a “[...] interrogar e problematizar a complexidade, a diversidade e a heterogeneidade da realidade” (SOUZA, 2015, p. 22). Compreendendo que um debate científico não deve ficar aglutinado apenas em uma especialidade, pois ficaria limitado a este campo. Por isso, é necessário derrubar as fronteiras de conhecimento, para que o debate interdisciplinar ocorra “[...] também na *pluri* mesmo na transdisciplinaridade que se revela na escolha de temas e objetos, que implica aventurar-se por outros caminhos para além daqueles já trilhados pelo historiador” (PESAVENTO, 2012, p. 64.).

É importante salientar que esse trabalho é uma monografia do tipo histórica sobre um objeto cultural, mas para ampliar análise sobre as implicações desse objeto, foi necessário um trabalho interdisciplinar. A tentativa de resposta aos problemas propostos deu-se através de uma pesquisa interdisciplinar, que recorreu a conhecimentos que contribuíram para resolução do problema, como debates teóricos e metodológicos desenvolvidos em áreas como antropologia, sociologia, psicologia, comunicação e também na história. Os temas que esse trabalho aborda possibilitam análises que partem de problemas que estão se consolidando no campo da História e de outras áreas das Ciências Humanas, como a história do corpo, da beleza, os debates de gênero e teoria *queer*, feminismo, feminilidade e masculinidade, mas que precisam ser ampliados para uma perspectiva interdisciplinar, pois uma única disciplina não é capaz de responder os questionamentos que estes temas propõem.

Os trabalhos acadêmicos produzidos que utilizam como fonte as histórias em quadrinhos são vários. Contudo, em sua maioria, eles ligam-se às áreas da educação ou comunicação social, mostrando alguns aspectos teóricos das HQs. Os trabalhos voltados ao âmbito social tem grande foco em personagens como super-heróis e suas influências nos

leitores. Apesar disso, alguns trabalhos já foram escritos acerca das personagens femininas nas histórias em quadrinhos. Podemos citar como exemplo a tese de Daiany Dantas², intitulada *Sexo, mentiras e HQ: representação e autorrepresentação das mulheres nas Histórias em Quadrinhos* que fala sobre o estereótipo do corpo feminino desenhado como *sexy* na maioria das histórias e aborda duas cartunistas e suas histórias como afirmação da subjetividade feminina. O trabalho que foi realizado aqui se difere do de Daiany Dantas, pois sua abordagem, apesar de trabalhar com temas parecidos, se volta para várias personagens e autoras e quadrinhos.

Este trabalho difere também da tese realizada por Ana Flávia Pereira Andrade³ intitulada *Grande Hera! A representação do feminino na Mulher Maravilha*, que abordou a personagem da *DC Comics*, mostrando um lado feminista como uma guerreira amazona, contudo mostrando também a fetichização em torno da personagem. Andrade ainda fala sobre a representação do feminino na Mulher Maravilha, através de seu uniforme e falas, por exemplo. Encontra-se a tese de Erika de Moraes⁴, intitulada *A representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos*, que aborda as representações femininas em quadrinhos cômicos, com foco outras personagens além de Aline, e como elas podem extrapolar o humor e passar a interferir diretamente na construção dos discursos sobre ser mulher. Assim como Dantas, Moraes utiliza diversas personagens para fazer sua abordagem, e mantém o foco da pesquisa nos discursos estereotipados que as tiras humorísticas trazem sobre a mulher.

Tratando sobre a representatividade das mulheres nos quadrinhos, há a tese de Ediliane Boff⁵ intitulada *De Maria à Madalena: representações femininas nas histórias em quadrinhos* em que a autora busca compreender como se dão as representações femininas de personagens de autores brasileiros das histórias em quadrinhos a partir da visão masculina dos cartunistas e posteriormente da visão de autoras - mulheres. Boff utiliza Aline como uma das personagens e faz considerações por meio de um discurso literário, por exemplo, a publicação do livro intitulado *Aline e seus dois maridos*, em que a autora faz comparação à produção de Jorge Amado *Dona Flor e seus dois maridos*. A autora não se volta especificamente para uma análise mais aprofundada da personagem, já que sua pesquisa foca-se mais nas representações

² Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

³ Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Audiovisual, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

⁴ Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas.

⁵ Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

femininas, do que de fato, nos diálogos e ações das histórias. Dessa forma, Boff segue um viés diferente do apresentado nessa pesquisa.

Há, ainda, a dissertação de Valquíria Botega de Lima⁶, que se volta para a série televisiva baseada nos quadrinhos de Aline produzida pela Rede Globo de produções⁷. O trabalho intitulado *A jovem mulher contemporânea urbana e os efeitos de sentido na discursividade da série televisiva Aline* analisa especificamente a série televisiva sem voltar-se às tiras, e tem por objetivo analisar a complexidade do sujeito mulher inserido em uma das maiores cidades da América Latina que é São Paulo. Seu trabalho deixa de lado aspectos específicos dos quadrinhos e também se volta para aspectos da cultura urbana, muito mais do que para temas como gênero ou sexualidade.

Encontrou-se também o trabalho realizado por Janice Barcellos⁸, que é composto por duas partes intituladas *O feminino nas Histórias em Quadrinhos. Parte 1: A mulher pelos olhos dos homens* e *O feminino nas Histórias em Quadrinhos. Parte 2: análise da personagem Aline*. Barcellos analisa as tiras de Adão Iturrusgarai, especificamente a personagem Aline, cujas análises apontam que as tiras trocam os papéis dos personagens, apresentando o que ela chamou de ‘machismo invertido’. Pretendo, neste trabalho, mostrar que Aline não se submete aos padrões de conduta ainda cobrados das mulheres, e, à medida que ousa fazer escolhas, como ser bígama, contribui para os debates principalmente acerca da história das mulheres e do Feminismo.

Graças às projeções mundiais feitas pelos movimentos sociais, os temas abordados nessa dissertação estão cada vez mais em voga. Os movimentos feministas vem, cada vez mais, adotando a concepção de que não há apenas uma única forma de ser homem ou mulher, já que as identidades são mutáveis. O essencialismo está sendo deixado de lado e dando espaço para novas identidades performativas. Nesse sentido, esse trabalho atende as demandas sociais mostrando essa quebra das concepções identitárias fixas, como o que compreendemos por masculinidade e feminilidade, por exemplo. Apesar de ser publicada num jornal de cunho mais conservador, as tiras de Aline trazem esses debates à superfície durante os anos 1990, onde os debates sobre gênero ganhavam maior visibilidade.

Dessa forma, essa pesquisa se torna importante para mostrar que os modos de ser que aprendemos durante séculos são reflexo da nossa cultura, e que os padrões para o que é

⁶ Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá- PR

⁷ Maiores informações sobre a série de televisão podem ser encontradas no site <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/aline/fotos-e-videos.htm>>

⁸ Professora da Universidade Anhembi Morumbi (SP), Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde atualmente cursa o Doutorado em Literatura.

considerado normal estão sendo contestados cada vez mais pelos movimentos sociais. Aline é um exemplo de que para ser mulher não é necessário aderir aos padrões de feminilidade que se associam a características passivas. Aline propicia os debates em torno do problema da desigualdade de gênero, da violência contra a mulher, do machismo e dos estereótipos construídos em torno das masculinidades e feminilidades.

As análises das tiras nesse trabalho não se deram por meio de teorias específicas ou pré-determinadas. As histórias em quadrinhos nos proporcionam uma experiência visual e emocional, aliando imagens e palavras. Analisá-las sob a ótica de uma ou outra teoria limitaria as possibilidades de apresentação dos diversos significados contidos nesse elemento. Dessa forma, nem todos os aspectos existentes em cada tira foram abordados, mas sim os elementos que foram considerados importantes para as análises de acordo com o texto ou imagem.

Na primeira seção, foram apresentados elementos teóricos e metodológicos que auxiliaram no desenvolvimento dessa pesquisa. Encontra-se também aí uma breve discussão sobre alguns conceitos-chaves para a pesquisa, tais como sexualidade, feminilidade, masculinidade, prazer, gênero e feminismo, bem como os usos de histórias em quadrinhos como um produto cultural e de entretenimento, permitindo analisar politicamente e culturalmente o empoderamento das mulheres no que tange suas escolhas e prazeres, como o prazer sexual.

Na segunda seção, têm-se a apresentação da personagem e de seu criador. Aspectos da tira, como surgiu, quem é o autor e quais as motivações para desenhar um triângulo amoroso. Neste capítulo conhecemos quem é Aline e quem são os participantes de sua tira, suas relações, como ela se comporta, etc.

Na terceira seção, passa-se para a análise das tiras a partir de uma discussão sobre a sexualidade e feminilidade da personagem. A partir do conceito de feminilidade construído no primeiro capítulo, é possível analisar de que forma Aline contribui para esse debate, em que ela se encontra no interior dessa discussão e como se apresentam esses temas em suas tiras. Por meio da personagem é possível pensar numa feminilidade que não seja assexuada⁹, mas sim que busque enfrentar essa concepção e mostrar o prazer sexual feminino.

O prazer é algo que Aline preza e que a rodeia em todas as suas relações amorosas. A posição assumida pela personagem em relação a sua sexualidade acaba interferindo diretamente na sua vida social e amorosa, já que esses temas são tratados abertamente pela personagem. Culturalmente, as mulheres aprenderam que falar sobre esse tema é de caráter

⁹ O termo aqui adquire a conotação de que a feminilidade estabelecida pelos padrões não se liga ao prazer do sexo.

masculino e para uma mulher é perversão. Instituições reguladoras como a Igreja, o Estado e a escola ditavam, até recentemente, os dogmas para a vida privada, principalmente a feminina. As tiras trazem um teor cômico, mas que podem ser analisadas a partir de um ponto de vista feminista e crítico sobre as relações interpessoais. Aline traz temas que permitem analisar o empoderamento feminino num tempo em que esse assunto anda sendo muito debatido. A pertinência do tema reside, justamente, nesse debate acalorado que os movimentos sociais vêm trazendo cada vez mais, mostrando que o empoderamento feminino é um aliado das demais minorias sociais, e não seu rival.

2 OSQUADRINHOS E AS POSSIBILIDADES DE PESQUISA

2.1 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO PRODUTO CULTURAL

Sendo considerada também uma forma de arte, as histórias em quadrinhos podem ter diversas interpretações e formas de se fazer. Segundo Moacyr Cirne, é possível três níveis para as imagens: de caráter informativo que é o da comunicação, um segundo simbólico, que envolve a dramaturgia e um terceiro que é a significância, e estaria determinada por uma individualidade. Para este autor, os quadrinhos se assemelham ao cinema devido ao fato de ambos possuírem imagens em sequências, dessa forma, esses níveis se dão em ambas as formas de arte, contudo, segundo ele, é necessário entender a diferença sutil entre ambas: o cinema tem uma imagem em movimento, e os quadrinhos trabalham com imagens estáticas. Nos quadrinhos a associação de imagem e leitura auxilia o leitor para uma melhor compreensão daquilo que o cartunista quis passar. (CIRNE, 1975).

Já para Will Eisner, cartunista e estudioso dos quadrinhos, quadrinhos e cinema não podem ser comparados devido ao fato que no quadrinho há um limite de imagens e no cinema “[...] uma ideia ou emoção podem ser expressas por centenas de imagens exibidas numa sequência fluida, numa velocidade capaz de emular o movimento real” (EISNER, 2010, p. 20). Contudo, para ele isso pode ser simulado nos quadrinhos, já que a leitura da página permite a leitura de várias imagens ao mesmo tempo, ou de visões diferentes, algo que não tem como ser reproduzido no cinema.

Outra questão que Eisner coloca é o fato de que nos quadrinhos a qualquer momento o leitor pode ler o último quadrinho da história e saber o que acontece no fim; no cinema esse controle sobre a história é maior, segundo ele “[...] o filme, [...] tem absoluto controle sobre sua leitura” (IBID, p. 41), pois o espectador não pode ver o quadro seguinte sem que o diretor permita, isso também ocorre no teatro. Basicamente no cinema a história é controlada, quem assiste não tem como saber o final da história sem acompanhar toda a história primeiro; nos quadrinhos esse controle é realizado de certa forma com o virar das páginas, mas não se pode impedir que o leitor veja o fim da história.

Outro estudioso dos quadrinhos, Scott McCloud, coloca suas percepções acerca de quadrinhos e cinema, afirmando que a diferença entre ambas se dá na questão tempo/espço, ou seja, segundo ele “Cada quadro de um **filme** é projetado no *mesmo* espaço – a tela – enquanto, nos **quadrinhos**, eles ocupam espaços *diferentes*. O **espaço** é pros **quadrinhos** o que o **tempo** é pro **filme**” (MCCLOUD, 1995, p. 7, grifo do autor).

Segundo ele ainda as histórias em quadrinhos podem ser definidas como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada” (IBID,1995, p. 9), indo um pouco mais além da ideia de arte sequencial proposta por Eisner. McCloud afirma que se seguirmos a ideia de arte sequencial para denominar as histórias em quadrinhos vamos ter quadrinhos em todos os lugares, desde os vitrais nas Igrejas até pinturas em série.

Eisner (2010, p.128) afirma que “[...] um fator de impacto nas histórias em quadrinhos como forma de arte é inerente ao fato de que se trata de um veículo principalmente visual”. Para ele, as palavras ou a escrita são parte importante dos quadrinhos, pois a forma como são desenhadas por exemplo, interfere diretamente na compreensão da história (passam a ajudar em questões como entonação da voz do personagem, ou afirmar a expressão facial). Para este autor, imagem e palavra estão entrelaçadas, de forma que uma aliada a outra já servem não apenas para descrever algo, mas para fornecer condições de entender o quadrinho. Néstor Canclini um sentido similar ao de Eisner, destaca o potencial visual das imagens como influencia para outras artes:

Podríamos recordar que la historieta, al generar nuevos órdenes y técnicas narrativos, mediante la combinación original de tiempo e imágenes en un relato de cuadros discontinuos, contribuyó a mostrar la potencialidad visual de la escritura y el dramatismo que puede condesarse en imágenes estáticas (CANCLINI, 2015, p. 316).

Em contrapartida, McCloud afirma que a nossa sociedade está acostumada a separar as obras de arte e a literatura (imagens e palavras), de forma que juntas elas não poderiam ser boas o suficiente; segundo ele “[...] palavras e figuras **juntas** são consideradas, na melhor das hipóteses, uma **diversão pras massas**; na pior das hipóteses, um produto do **comercialismocrasso**”(MCCLOUD, 1995, p. 140, grifo do autor).

Falando sobre a produção dos quadrinhos, Cirne (1975, p. 71) afirma que “[...] somente os grandes centros culturais têm condições concretas de fixar equipes fabricantes de quadrinhos”. Nesse sentido, podemos explorar o fato de que alguns quadrinhos são objetos culturais, produzidos por um determinado grupo (economicamente desenvolvido) que como já citado, inseriram as *dailytrips* em seus jornais para abarcar uma população de renda mais baixa e transmitir seu material ideológico. Considerada a primeira história em quadrinhos, *The Yellow Kid* (O Garoto Amarelo) foi desenhado por Richard Outcault em 1895 para um jornal dos Estados Unidos. Esse quadrinho modificou formalmente como eram apresentados os desenhos nos jornais até então. As falas do *Yellow Kid* apareciam dentro de sua túnica trazendo uma ruptura com os textos de rodapé. Ainda o desenho traz uma comicidade donde o nome *Comics* para denominar as histórias em quadrinhos principalmente nos Estados Unidos.

Os donos dos jornais queriam atrair um público maior, incluindo os grupos semialfabetizados e imigrantes. O garoto amarelo, com suas poucas falas e histórias engraçadas, ajudou nessa tarefa e deu início a era dos quadrinhos nos jornais. (GOIDANICH; KLEINERT, 2014).

No começo as HQs eram histórias produzidas principalmente para crianças, com caráter cômico. Com o tempo, os quadrinhos foram tendo investimentos interpretativos diferentes, atingindo outros públicos. Na década de 1930 surgem os super-heróis que vão revolucionar os quadrinhos, principalmente após a eclosão da Segunda Guerra Mundial onde os heróis norte-americanos são convocados a lutar por seu país contra as forças do eixo, transformando os *Comics* em objetos ideológicos e propagandistas dos governos.

O Capitão América surgiu carregado de sentimentalismo americano (nacionalismo) durante a Segunda Guerra Mundial, lutando contra as forças do Eixo antes mesmo de os Estados Unidos entrarem em guerra oficialmente; em suas páginas, o que poderia ser um simples quadrinho para entretenimento, acaba mostrando muito mais do que isso. Da mesma forma, o universo criado por Walt Disney é importado para os países da América Latina e acaba tornando-se sinônimo de infância, com histórias e personagens que criam nas crianças determinados estereótipos, retratando mundos que as crianças se identificam e sonham. O universo *Disney* traz em suas páginas o *American wayoflife* como o modo correto de viver, sem pensar nas particularidades dos demais países para onde é exportado. Dessa forma, “essas histórias em quadrinhos são [...] recebidas pelos povos subdesenvolvidos como uma manifestação plagiada do modo por que são instados a viver e o modo por que efetivamente se representam suas relações com o polo central” (DORFMAN; MATTELARD, 1978, p.146).

Essa forma ideológica de pensar os quadrinhos se popularizou graças à publicação intitulada *Para ler o Pato Donald* de Ariel Dorfman e Armand Mattelard, em que a concepção de quadrinhos dos autores se atrelou à política; esse livro se transformou durante décadas em referência importante para os pesquisadores em quadrinhos. No entanto, o conceito de ideologia também pode acabar se tornando redutor diante do fenômeno da produção cultural de massas. Afinal, mesmo quadrinhos expressamente ideológicos podem ser pensados para além da ideologia. Mesmo considerando a autoria, os interesses do autor e da indústria que o promove, seria preciso pensar também as diferentes formas de recepção desse objeto cultural. Aline, por exemplo, não pode ser lida somente a partir da concepção ideológica, pois a complexidade do debate pode ser reduzida.

Como já citado acima, é necessária uma mão de obra qualificada para trabalhar na criação das histórias em quadrinhos (fato este que foi aumentar apenas no final do século XX)

ocasionando então uma fiel reprodução das tiras importadas¹⁰. Os grandes centros urbanos eram os locais onde estavam os grandes empreendimentos da imprensa nacional e onde havia uma indústria cultural, inclusive alternativa e dessa forma onde os cartunistas buscavam meios para se inserir. Os moradores das cidades pequenas buscaram os grandes centros em busca de trabalho e diversão, e acabaram virando consumidores do capital produzido. Foi pensando nessas pessoas que os quadrinhos surgiram como objetos de atração não erudita (ou seja, sua publicação primeiramente em jornais e não em livros condenados) criados em meio à grandes grupos.

A história cultural ajuda a identificar o modo como uma realidade social é construída em diferentes momentos históricos, pois para Hall (1997, apud LOURO, 2008, p. 19) “[...] a cultura, é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica do novo milênio”. Sendo assim os quadrinhos podem ser lidos como objeto cultural e que expressam uma história do desenvolvimento da indústria gráfica, do entretenimento popular e dos valores sociais de uma época.

McCloud afirma que a invenção da escrita foi um evento marcante para a história em quadrinhos, mas ainda cita outra invenção que foi, talvez, mais marcante, a da imprensa. Segundo ele, “[...] com a invenção da imprensa a forma de arte que servia aos **ricos e poderosos**, agora poderia ser desfrutada por **todos!**” (MCCLLOUD, 1995, p. 16, grifo do autor). Pensados primeiramente com caráter cômico como já citado, os quadrinhos eram vistos como “[...] material de consumo infantil, com desenhos ruins, barato e descartável” (IBID, 1995, p. 3). O marco para o surgimento da imprensa foi a criação da prensa tipográfica criada por Johannes Gutenberg no século XV coincidindo com a chamada Idade Moderna; contudo é necessário considerar a Revolução Industrial (século XVIII) em que “praticamente todos os aspectos da vida cotidiana foram influenciados devido a industrialização e, conseqüentemente, o surgimento de uma indústria cultural” (GIONGO, 2016).

Apesar de os quadrinhos terem surgido como cultura de massas, eles foram crescendo e ganhando espaço em meios diferentes, como no colecionismo com edições melhoradas. Pode-se utilizar como exemplo as tiras de Charles Schulz, *Peanuts*, que surgiram em jornais e se tornaram tão famosas que atualmente é possível encontrar uma coletânea que reúne todas as tiras publicadas. São sete volumes que reúnem todas as tiras desenhadas por Schulz em

¹⁰ Ao olhar a primeira edição do jornal A Folha de São Paulo (01 de janeiro de 1960), por exemplo, pode-se perceber que de nove tiras, oito são estrangeiras e apenas uma é uma produção brasileira (Mauricio de Souza). Nota-se aí a pouca mão de obra brasileira para a produção das *comics*, devido aos fatores acima relacionados, e o valor barato da importação de desenhos famosos como *Flash Gordon* que se encontra no jornal. Disponível em <http://Acervo.folha.uol.com.br/fsp/1960/01/01/156/> Acesso em 18 de Ago de 2016.

edições mais elaboradas formando um livro com capa em brochura e seguindo uma ordem das tiras. Essa inserção dos quadrinhos nesse universo especializado aumenta o interesse de uma nova faixa econômica pelos *Comics*, que surgiram como entretenimento principalmente para crianças com caráter cômico e que foi conquistando espaço no meio cultural até atingir o que hoje se pode chamar de cultura erudita, com edições mais formuladas e com custo mais alto.

Contudo, a capacidade de adaptação dos quadrinhos fez com que atingissem uma gama variada de classes e públicos, ofertando histórias a todos os gostos e idades e saindo dessa dicotomia popular *versus* erudito. Dessa forma, os quadrinhos se firmam como nona arte juntamente com as literaturas e o cinema. Segundo Canclini os quadrinhos estão envolvidos na cultura contemporânea de forma consolidada, pois “[...] *participand el arte y el periodismo, son la literatura más leída, la rama de la industria editorial que produce mayores ganancias*”¹¹ (CANCLINI, 2015, p. 316). Canclini afirma que os quadrinhos são gêneros híbridos, ou seja, misturados, compostos. Segundo ele “[...] *desde su nacimiento se desentendieron del concepto de colección patrimonial. Lugares de intersección entre lo visual y lo literario, lo culto e lo popular, acercan lo artesanal a la producción industrial y la circulación masiva*”¹² (CANCLINI, 2015, p. 314). Graças a seu formato aliando imagens e palavras, ele transita entre as artes e a cultura.

2.2 POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Ao partir do pressuposto de que quando alguém lê algo, por mais técnico que seja, interpreta de sua forma e pode tirar conclusões diferentes daquelas almejadas pelo autor da obra, compreendemos que as significações que os livros possuem “[...] são dependentes das formas pelas quais eles são recebidos e apropriados por seus leitores” (CHARTIER, 1998, p. 12). Não muito diferentes dos livros, os quadrinhos sofrem essas alterações de uma maneira mais específica, já que palavras e imagens andam de mãos dadas nessa forma de arte. A recepção anda lado a lado com a percepção, e esta é de suma importância para as HQs. Segundo Scott McCloud “[...] a percepção influencia **quem** adentrará os quadrinhos como **leitor** ou **criador**. Ela influencia as decisões de pessoas em condições de **ajudar** os quadrinhos como **formade arte e indústria**” (MCCLOUD, 2006, p. 82, grifo do autor).

¹¹ Tradução: “[...] e no jornalismo, eles são a literatura mais lida, o ramo da indústria editorial que produz os maiores lucros.” (CANCLINI, 2015, p. 316, tradução nossa).

¹² Tradução: “[...] desde o nascimento, desconsideraram o conceito de coleção patrimonial. Lugares de interseção entre o visual e o literário, o cultural e o popular, aproximam o artesanal da produção industrial e a circulação maciça.” (CANCLINI, 2015, p. 314, tradução nossa).

Todavia, a recepção e percepção na leitura dos quadrinhos são diretamente afetadas pelo mercado editorial que não permite a liberdade completa de criação, ou seja, episódios de exploração corporativa são comuns e afetam diretamente os leitores, já que atrapalham as criações. O fato de as HQs terem surgido em jornais se torna fator para sua recepção, já que eram vistos como simples meio de entretenimento infantil, como afirma McCloud:

Os **quadrinhos para jornal** não eram exatamente uma indústria a parte, sendo antes uma ocupação **dentro da indústria jornalística** – ocupação não muito **respeitável**, aliás, apesar da **alta popularidade**. [...] **O baixo status** do quadrinho não era como o do **rádio**, da **tevé**, do **cinema**, da **prosa** ou do **teatro**, cada um dos quais possuía uma **identidade à parte** graças a um **foro** ou **veículo** exclusivo (MCCLOUD 2006, p. 65, grifado autor.).

Desse modo, o mercado de quadrinhos é diretamente influenciado pelo interesse editorial em publicar a história que vende mais. Recentemente esse quadro de vendas tem mudado ao passo que a internet propiciou maior difusão das histórias em quadrinhos, disponíveis nas plataformas para compra ou leitura *online*¹³ que antes não eram consideradas aptas comercialmente por não conter as mesmas características daquelas campeãs de vendas.

Analisar histórias em quadrinhos requer todo um cuidado especial já que ela possui algumas condições. Palavra e imagem estão entrelaçadas de forma que não se pode analisar apenas uma ou outra. Eis que se encontra a maior característica dos quadrinhos, pois “[...] quando palavra e imagem se ‘misturam’, as palavras formam uma amálgama com a imagem e já não servem para descrever, mas para fornecer som, diálogo e textos de ligação” (EISNER, 2010, p. 127). Além disso, os quadrinhos encaram o tempo de forma diferente da que estamos habituados, já que nelas tempo e espaço estão unidos formando uma coisa só. Para controlar o tempo e o espaço, os artistas usam os requadros, e por isso deve-se ficar atento a esse elemento negligenciado, mas de suma importância. O requadro é a moldura onde cada cena da tira acontece, onde ficam os personagens e onde as ações da tira acontecem. Vejamos na tira a seguir um exemplo:

¹³ Alguns exemplos são sites como o da Comic Book Shop (<http://www.comix.com.br/>) e das Lojas Americanas (<https://www.americanas.com.br/categoria/livros/historia-em-quadrinhos>) oferecem uma galeria grande de HQs para compra dos mais variados gêneros e preços. Os sites das duas maiores produtoras de quadrinhos atualmente DC Comics (<https://www.readdc.com/>) e Marvel Comics (<https://comicstore.marvel.com/>) também disponibilizam a compra de seus exemplares pela internet, e algumas histórias estão disponíveis para a leitura online. O site Comicxology, da Amazon oferece o mesmo serviço (<https://www.comixology.com/>).

Figura 1 - Aline por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 07fev. 1998.

Há vários tipos de quadros que servem para vários momentos. Ao contar a história, o cartunista escolhe aqueles que mais se adaptam e que transmitam a mensagem correta. Na figura 1, quando Aline lembra o momento de seu nascimento, o quadro utilizado é o traçado sinuoso¹⁴, que remete ao passado. Essa diferenciação entre os quadros é de extrema importância para que o leitor acompanhe a linha de raciocínio do autor. Podemos perceber através do exemplo que, para compreender, e analisar, os quadrinhos é necessário se ater aos pormenores dessa arte. Os balões, a forma de escrita, os enquadramentos, as emoções dos personagens, etc. são todos fatores importantes para sua compreensão.

2.2.1 Sexualidade e prazer

Com o avanço dos movimentos feministas, as personagens femininas nas HQs passaram a ser mais recorrentes, contudo a maior parte dos cartunistas eram homens¹⁵ e, por isso, elas eram vistas a partir de uma ótica predominantemente masculina. Em sua grande maioria, as mulheres nas histórias em quadrinhos eram personagens erotizadas a partir das linhas que davam formas, destacando as curvas do corpo e muitas vezes em trajes mínimos. No entanto, conforme os movimentos feministas avançavam, juntamente com outros motores de transformações sociais, criaram-se personagens que eram retratadas para sair de uma condição passiva e, em muitos casos, estavam claramente associadas a uma função contestatória dos valores socialmente aceitos, especialmente os valores patriarcais como é o caso de Aline:

¹⁴ Nomenclatura usada pelo teórico Will Eisner.

¹⁵ Conforme afirma McCloud (2006), o mercado dos quadrinhos era voltado ao público masculino, e vai receber mais cartunistas mulheres por consequência da escassez de mão de obra masculina no período da Segunda Guerra Mundial.

Figura 2 - Aline por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 09 maio 1998.

A figura 2 vem de uma sequência de tiras em que Aline decide virar escritora. As cartas de suas leitoras é tema de algumas tiras. Na figura 2, Aline vai se aborrecendo até pegar no sono com a carta da leitora que aparenta ser conservadora e carregada de pré-conceitos. Pode-se afirmar que, no campo da História das mulheres, a sexualidade feminina e seus tabus foi bastante discutidas. O sexo em si, era visto apenas como meio de reprodução, a busca pelo prazer, era considerada um pecado.

Aline contrapõe-se a essa negação do prazer feminino. Para ela, tudo é prazer. Esse debate sobre a sexualidade está atrelado aos movimentos feministas, como afirma Joan Scott (1989, p.9), em seu texto sobre gênero, “[...] a sexualidade é para o feminismo o que o trabalho é para o marxismo: o que nos pertence mais e, no entanto, nos é mais alienado”. Todavia, esse debate sobre a sexualidade feminina nem sempre foi dessa forma. Aline contesta um modelo padrão de mulher e feminilidade que veio sendo imposto há muito tempo na sociedade. Nas primeiras décadas do século XX, a ideia de mulher ideal ainda era a mulher-mãe, que cuida da casa e dos filhos; essa ideia de mulher vem acompanhada da concepção de sexo da época.

Visto essencialmente como método reprodutivo o sexo e o corpo feminino “[...] remetem a uma concepção cristã da sexualidade, circunscrita ao casal legítimo, destinada essencialmente a reprodução e inimiga da concupiscência” (SOHN, 2011, p. 110). Além disso, esse ideário de mulher dona do lar vem carregado de aprendizagens e práticas, ou seja, diversas instituições sociais e culturais, tais como a família, a Igreja, a escola e a medicina, que sempre estiveram no controle da conduta feminina e construíram o gênero feminino e também o masculino, pois “[...] ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2008, p. 18). As teses de Dantas e Andrade tratam de Aline de forma breve, porém, trazem um panorama de outras personagens que é importante

para o debate acerca da feminilidade construída socialmente. Assim as duas pesquisas divergem entre si e também divergem dessa que foi realizada sobre Aline (aqui o enfoque foi em Aline e suas tiras enquanto as outras duas pesquisas dão maior espaço para outras personagens), porém contribuem para a formação de teoria que vai amparar o debate aqui realizado.

Na coletânea *História da Sexualidade*, de Michel Foucault, a sexualidade como objeto de pesquisa mostra-se como uma característica da subjetividade dos sujeitos, marcando suas identidades. Foucault questiona os discursos de poder das sociedades modernas sobre a sexualidade, em forma de controle social através da normalização indicada por instituições como o Estado, a Igreja, a Escola, etc. (FOUCAULT, 1977, p. 100). Principalmente a mulher, seu corpo e sua sexualidade, são vigiados constantemente por essas instituições e orientadas a seguir determinados padrões morais em que, como afirma Judith Butler, os sujeitos são “[...] formados, definidos e reproduzidos de acordo com as exigências delas [instituições]” (BUTLER, 2017, p. 19). Butler, ao falar de Simone de Beauvoir, afirmar que “o corpo feminino deve ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora” (BUTLER, 2017, p. 35).

É necessário compreender que esses debates sobre o prazer e o corpo se desenvolveram em torno de uma abordagem interdisciplinar já que o corpo é local de estudo que propicia diversas pesquisas. Seu próprio caráter interdisciplinar mostra que ele não pertence a uma ou outra disciplina, mas deve ser analisado pelo conjunto das ciências, para uma compreensão maior. Como afirma Peter Burke, “a história do corpo desenvolveu-se a partir da história da medicina, mas os historiadores da arte e da literatura, assim como os antropólogos e sociólogos, se envolveram no que poderia ser chamado de ‘virada corporal’.” (BURKE, 2008, p. 95). Virada essa que traz o corpo para outros campos de pesquisa, como é o caso das pesquisas realizadas nas áreas de letras, moda, medicina e psiquiatria¹⁶ entre outras diversas áreas do conhecimento. Além disso, “[...] a antropologia cultural, [...] proporcionou aos historiadores linguagens para a discussão dos significados simbólicos do corpo, [...] e a sociologia médica acima de tudo, encorajou os historiadores a tratarem o corpo como uma encruzilhada entre o ego e a sociedade (BURKE, 2011, p.300).

Estar solteira foi sinônimo de vergonha para as famílias do século XIX, que casavam suas filhas sem nem consultá-las em relação a marido. Os casamentos arranjados tinham

¹⁶Como é o caso dos trabalhos de Poliana Lachi e Pedro Navarro intitulado *o corpo moldado: corporeidade mediada e subjetivação* (pós graduação em Letras); o artigo de Iáscara Oara de Jesus intitulado *corpos da moda – indivíduo interagido, imagens processadas* (Ciências da Linguagem e Moda); e o livro de Thomas Laqueur, *Inventando o sexo* (estudos de história e medicina), etc.

como objetivo acordos entre famílias que os faziam por interesse monetário onde “[...] o corpo da mulher é um objeto que se compra” (BEAUVOIR, 2016, p. 190). As jovens moças casavam-se por obediência e cumpriam o papel que era julgado feminino. A servidão feminina ao esposo após o casamento era o esperado e também a virgindade, que devia ser guardada para o marido. Essa concepção de casamento ainda existe atualmente em algumas regiões do mundo. Contudo, esses padrões ainda se mostram em nossa sociedade atual. Pesquisa¹⁷ realizada em 2008 com 350 mulheres e 540 homens residentes no Rio de Janeiro, apontam que aproximadamente 89% das mulheres iniciaram sua vida sexual com o namorado e 7% com um amigo. Já os números dos homens se mostram mais equiparados: 31% tiveram sua primeira relação com a namorada, 27% com uma amiga e 20% com uma prostituta.

Essa pesquisa nos mostra que uma parte das mulheres ainda seguia os costumes de guardar sua virgindade para o primeiro namorado (que no passado significava ser o marido, já que a relação sexual tinha caráter de esposo e esposa visando à reprodução, conforme já explicado). Enquanto os homens, apesar dos números mostrarem que a maioria também inicia sua vida sexual com a namorada, não são pressionados a seguir esse tabu que rodeia o mundo feminino, onde a prática sexual com amigos, primos, etc. são contra a moral. A maior partados homens, conforme a pesquisa, iniciou a vida sexual com amigas ou com prostitutas se torna quase normal.

Esse tabu no universo feminino, da prática sexual ser apenas com o companheiro que se pretende casar, também nos leva a outras questões. A instrução dada à maioria das moças em idade de casamento até o século passado era para ‘guardar-se’ para o marido. A virgindade da mulher era prova de sua honra e da honra de sua família. Caso o marido constatasse que a mulher não era virgem, poderia ser ‘devolvida’ à família. No Brasil até o ano de 2001 o Código Civil de 1916 previa que o homem poderia pedir a anulação do casamento em caso de “defloramento da mulher”¹⁸. Vemos por meio disso, que o controle sobre a mulher, seu corpo e seus prazeres, ficavam nas mãos da Igreja, mas também do marido. O casamento é uma instituição que vincula o poder da Igreja com o poder do homem sobre a mulher. Esse poder exercido através da sexualidade, faz do corpo feminino um objeto a serviço do marido, ignorando o prazer da mulher. Corpo e sexualidade feminina se voltam para a missão da mulher na Terra: ser mãe.

¹⁷ABDO, Carmita. **Projeto Mosaico Brasil**. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - Usp, 2008. 67 slides, color. Projeto Sexualidade (ProSex).

¹⁸BRASIL. Constituição (1916). Lei nº 3071, de 1 de janeiro de 1916. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm>. Acesso em: 24 Out. 2017

O controle que a Igreja exerce sobre a concepção social de ser mãe, entra em colapso quando do advento da pílula anticoncepcional. Segundo Sohn, os médicos do século XX se preocupam muito mais com o corpo da mulher, já que é esse corpo que conduz o bebê até seu nascimento e posteriormente o alimenta. Dessa forma, o corpo feminino se torna alvo de pesquisas cada vez mais intensas e a contracepção (por meio da pílula anticoncepcional) tem como alvo as mulheres, já que a preocupação dos homens passa a ser predominantemente com a infertilidade (SOHN, 2011). Esse cuidado atento que a medicina tem com o corpo da mulher e a concepção passam as mãos do Estado quando a reprodução repercute diretamente no controle de natalidade. O corpo e, juntamente com ele, o sexo, pertencem ao grupo de artefatos reguladores das populações (FOUCAULT, 1980).

2.2.2 Corpo e beleza

A mulher e seu corpo, ao longo da história foram mantidos como objetos obscuros. Foucault realiza um debate sobre as proibições e permissões acerca da sexualidade, quando fala sobre a confissão em detalhes e a penalização do sexo que não fosse para procriação. Para Foucault, há uma ruptura no século XIX quando a sexualidade ganhará uma centralidade nas relações de poder através do surgimento da biopolítica. A era vitoriana conhecida por silenciar a sexualidade, justamente investirá profundamente na organização e num discurso médico e pedagógico através dos controles de natalidade e expectativa de vida, interferindo diretamente no controle das populações. Segundo ele, então, é possível perceber que “[...] na junção entre o ‘corpo’ e a ‘população’, o sexo tornou-se o alvo central de um poder que se organiza em torno da questão da vida [...]” (FOUCAULT, 2007, p. 160).

Com a biopolítica, a vida cotidiana se torna interesse de órgãos públicos como os governos. Através de táticas e procedimentos disciplinares, a gestão da saúde, da sexualidade, da natalidade, etc, que anteriormente era preocupações concentradas nas mãos da Igreja, agora se tornam preocupações políticas. O corpo feminino, considerado o lugar da sexualidade, já não pôde mais ser negligenciado pela medicina. O surgimento de áreas da medicina que se voltam ao tratamento do corpo feminino, por exemplo, o cirurgião plástico - ligação entre corpo e padrão de beleza - e o próprio ginecologista, e os exames médicos que investigavam cada detalhe interno e externo do corpo mostram-nos que o controle e a vigilância atingiram novos patamares do biopoder. Os cuidados médicos e políticos que permanecem até hoje com o corpo da mulher, são heranças deixadas pela era vitoriana que culminaram nas práticas de poder atuais.

Essas ideias acabam legitimando posições conservadoras e problemáticas sobre as mulheres que convertem-se em autorizações para agir com violência sobre elas, por exemplo. Essas posições invisibilizam o grave problema da violência contra a mulher e da desigualdade de gênero. Mulher que gosta de sexo e fala abertamente sobre o tema ainda é vista como imoral graças à vulgarização da imagem tradicional feminina, que se torna alvo de instituições reguladoras tais como a família, a escola, a Igreja e as mídias, e de acordo com Foucault, do Estado, fazendo do tema um tabu. Aline não se mostra assentida com a condição de ser simples objeto de desejo masculino, ela faz questão de mostrar a todos que é uma mulher sexualmente ativa e que fala abertamente sobre isso, quebrando tabus quanto à inserção da mulher no mundo sexual.

A preocupação social que recai sobre a mulher, essa associada à concepção de boa mãe e boa esposa, ainda encontra mais um fator: a beleza. Não basta ser uma boa mãe, boa esposa, cuidar da casa e da educação dos filhos e todos os demais atributos já citados que a feminilidade construída socialmente impõe a mulher ainda precisa ser bela. A necessidade de ser/estar bonita se torna quase um quesito vida ou morte. A mídia tem papel fundamental nessa construção da beleza feminina. Essa beleza tem sua matriz no corpo. Na contemporaneidade o corpo passa a ser idolatrado e os cuidados com esse corpo vão passar:

[...] pelo treino, pela sexualidade, pela estética e pela medicina, promovendo mudanças que fazem o corpo enquadrar-se em uma ordem discursiva segundo a qual ele deve ser magro [...], fortalecido, bem modelado (pois se gordura é sinal de doença, o excesso da magreza também o é), belo e jovem (LACHI; NAVARRO, 2012, p. 35).

Os cuidados com o corpo chegam ao campo da saúde, onde ser ou estar bela sai do campo estético. Diferentemente do padrão estético do século XIX e início do XX, as mulheres com sobrepeso passam a serem vistas como mulheres desleixadas, que não se preocupam com sua saúde nem com seu corpo.

Figura 3 - Aline por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 15 dez. 2004.

Embora o tema da nudez seja central na tira, optou-se por analisar o corpo de personagem, já que suas histórias são propícias para essa abordagem. A forma como Iturrusgarai desenha Aline, com linhas mais retas, apresenta certa comicidade para a tira, mas também leva a essa análise sobre o corpo. Conforme se pode ver na figura 3, Aline tem braços e pernas compridos, não apresenta um corpo ‘violão’, ou seja, com curvas na cintura e coxas, e o nariz em tamanho desproporcional. O corpo de Aline é muito diferente dos corpos de outras personagens de HQs que aparentam ser mais sensual, magras, repleto de curvas, para que possam ser enquadrados nos padrões estéticos.

O ideal de extrema magreza esteve em alta no final do século XX e início do século atual. Equiparando as mulheres do cotidiano às modelos de passarela, ser magra era o sonho de qualquer menina/mulher, mesmo que fosse necessário apelar para meios que fossem prejudiciais para o próprio corpo, como a bulimia por exemplo.

Após diversos casos sérios de doenças alimentares envolvendo jovens meninas (tanto obesidade como casos de anorexia), o cuidado com o corpo e consequentemente o padrão estético se voltam para outro formato. Entra em cena o mundo *fitness*. Extremamente vinculado com a saúde, o corpo *fitness* alia exercício físico e alimentação balanceada em busca do corpo perfeito. A corpolatria¹⁹ transpassa as barreiras da mídia adentrando constantemente as redes sociais e tornando-se alvo nas rodas de conversas do cotidiano. Práticas como o *crossfit* estão em alta por aliar exercícios aeróbicos e de força num mesmo treino. O *crossfit*

¹⁹ Termo utilizado por Poliana Lachi e Pedro Navarro

promete²⁰ queimar as gorduras e definir o corpo, melhorando a flexibilidade e equilíbrio do praticante.

A mídia atua nesse sentido por meio das propagandas que para cumprir esse ideal de beleza se voltam às mulheres passando sentimentos como confiança e aceitação. Mostrando mulheres com corpos definidos e bronzeados. Para os homens o objetivo é adquirir força e ser sexualmente atrativo (LACHI; NAVARRO, 2012). Nesse sentido e a partir da colocação de Kathryn Woodward, “[...] o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos” (WOODWARD, 2007, p. 15), a mídia projeta uma imagem que o sujeito se interessa e passa a conceber aquela imagem projetada como sua própria, do seu próprio corpo.

2.2.3 Gênero e feminilidade

Se a História já concebe a categoria de pesquisa mulheres, levando em consideração que não há um modelo único de mulher, assim funciona a categoria feminilidade (ou masculinidade): não há como afirmar a existência de apenas um tipo de feminilidade, sendo a única certa aquela que considera aqueles adjetivos de submissão citados anteriormente. Atualmente, os movimentos feministas vem trabalhando na desconstrução dessa unidade feminina.

O feminismo como movimento político teve seu auge nos anos 1970 quando passa a ter grande atitude de transformação social graças ao Ano Internacional da Mulher (1975) definido pela ONU. No Brasil, esse marco representou a saída da clandestinidade de muitos movimentos políticos em meio à repressão da Ditadura Militar. Muitas brasileiras que iam para o exterior traziam as ideias de um movimento que já estava articulado nos Estados Unidos, por exemplo, e que já ganhava espaço nas ruas e mídias. (PEDRO, 2006). O feminismo se apresenta como um movimento de libertação apontando as formas de repressão contra as mulheres ao longo das décadas, procurando “[...] enquanto movimento superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo” (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 8).

Os movimentos feministas buscam a igualdade em todos os níveis e prioriza lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado. Dentro de suas lutas há a busca pela compreensão da identidade gênero, uma vez que:

²⁰<https://saudesporte.com.br/crossfit-treinos-corpo-em-forma-e-definido/>

O ‘masculino’ e o ‘feminino’ são criações culturais e, como tal, são comportamentos aprendidos através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para que cumpram funções sociais específicas e diversas. Essa aprendizagem é um processo social. **Aprendemos** a ser homens e mulheres e a aceitar como ‘naturais’ as relações de poder entre os sexos (ALVES; PINTAGUY, 1981, p. 55, grifo do autor).

Dessa forma, os movimentos feministas contestam essa naturalização do papel da mulher como ser submisso ao homem e da construção da feminilidade passiva. Adentrando cada vez mais o mundo acadêmico, o feminismo traz mais debates sobre as questões de gênero, identidade, igualdade de oportunidade no mercado de trabalho, de salários, dentro e fora de casa (serviço doméstico). Ganhando mais espaço e debatendo mais esses temas, podem-se desconstruir esses pré-conceitos e compreender melhor as relações de gênero e sexualidade, uma vez que os movimentos feministas também aborda temas como o direito ao corpo e prazer feminino, ainda tabu em nossa sociedade contemporânea.

Osmovimentos feministas surgem como “[...] movimento liberal de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, direitos que eram reservados apenas aos homens” (NORVAZ; KOLLER, 2006, p. 649). As pesquisas acerca do universo feminino aumentaram consideravelmente, principalmente após “[...] a onda do movimento feminista, ocorrida a partir de 1960, que contribuiu ainda mais para o surgimento da história das mulheres” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 276). A história das mulheres como categoria de análise histórica acompanhou os movimentos feministas trazendo pesquisas que foram importantes para abrir as portas da academia principalmente a partir dos anos 1980, conforme cita Joana Maria Pedro, algumas obras importantes foram:

Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque²¹; Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930²²; Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)²³; Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920²⁴; As mulheres, o poder e a família: São Paulo século XIX²⁵. (PEDRO, 2011, p.172).

Essas obras trouxeram debates interdisciplinares sobre os direitos da mulher, sua sexualidade, saúde, família e também sobre as violências sofridas, contribuindo para a pesquisa acadêmica e para também para os movimentos feministas.

Após a entrada do feminismo na academia, surgem os estudos de gênero que vem para teorizar a diferença sexual entre os sexos.

²¹ Trabalho de Martha de Abreu Esteves, publicado em 1989.

²² Trabalho de Luzia Margareth Rago, publicado em 1985.

²³ Trabalho de Magali Engel, publicado em 1989.

²⁴ Trabalho de Rachel Soihet, publicado em 1989.

²⁵ Trabalho de Eni de Mesquita Samara, publicado em 1989.

A palavra gênero:

[...] indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres. O “gênero” sublinha também o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado (SOIHET, 1997, p. 279).

A categoria de análise gênero se constitui através das relações sociais que se baseiam nas diferenças entre os sexos, sendo assim uma forma de significar as relações de poder (SCOTT, 1995). O termo apropriado pelos movimentos feministas passou a se referir à organização das relações sociais entre os sexos. Joan Scott afirma que “[...] o termo ‘gênero’ enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade.” (SCOTT, 1995, p. 72).

É possível perceber na personagem Aline algumas características que contrapõem a concepção de feminilidade naturalizada pela sociedade. O “ser feminino” como prática cultural, está arraigado de forma que as próprias mulheres o consideram normal, como afirma Roger Chartier (1995, P.40), “[...] a construção da identidade feminina se enraíza na interiorização pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos”. Essa normalidade vem do ideário de dona de casa e mulher do lar, carregado de aprendizagens e práticas. Diversas instituições sociais como a Igreja, a família e a medicina obtiveram o controle sobre a conduta social, principalmente a feminina, moldando de forma a tornar as mulheres passivas à submissão. A feminilidade foi construída através de ensinamentos que foram reiterados no cotidiano da vida privada de acordo com normas e valores (LOURO, 2008).

Os termos masculinidade e feminilidade são cercados de concepções essencialistas, onde há um padrão moral imposto por entidades sociais e que deve ser seguido. Entretanto, muitas pesquisas já foram feitas nesse campo, mostrando que as concepções de sujeitos masculinos e femininos não obedecem a esses padrões e se constituem de acordo com as influências que sofrem constantemente da relação com outros seres e também da cultura.

O nascimento da modernidade propicia o desenvolvimento de um sujeito psicológico que passa a perceber a si próprio como um sujeito subjetivo. Influenciado pelo iluminismo e pelo renascimento nas artes e na filosofia do século XV, o homem pós-moderno se forma a partir de uma problematização da concepção essencialista do indivíduo. A pós-modernidade presenciara a formação de um sujeito fragmentado, que não se compreende mais como centro do universo e que percebe sua identidade como algo mutante, em constante formação. Segundo

Neuza Guareschi (2008, p. 62), as alterações sofridas na pós-modernidade são resultado do processo de globalização e do novo olhar para a vida privada, onde:

Esse processo de globalização, junto às questões tecnológicas, mercadológicas e midiáticas, somadas às questões econômicas e políticas igualmente importantes, nos remetem também ao conceito de identidade como fluídas ou não fixas, ou seja, que o sujeito assume diferentes posições (GUARESCHI, 2008, p. 62).

A industrialização e a urbanização organiza a vida privada de forma que se seja mais eficaz para o trabalho. Vê-se o nascimento da família nuclear na modernidade, separando os papéis públicos (homem) e privado (mulher). Essas alterações mudaram as sociedades e construíram um novo tipo de sujeito (KEHL, 2008, p.31). Esses sujeitos pós-modernos fragmentados se compreendem igualmente fragmentados e por isso, a definição de conceitos passa a ser questionada. Partindo desses pressupostos, compreende-se que os conceitos de feminilidade e masculinidade já não são suficientes para abranger esses novos sujeitos e que as construções sociais que os cerceiam já não se mostram eficazes para o reconhecimento identitário.

Para Maria Rita Kehl (2008, p. 48), feminilidade é “um conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora” que foram criados a partir das concepções de sujeito essencialista. Essa feminilidade que tem como virtudes o recado, a docilidade e a passividade em relação aos desejos (principalmente o sexual) vem carregada de práticas sociais, culturais e políticas das quais esse sujeito construído deriva.

A feminilidade como característica do sujeito se constrói dentro dessas práticas que são “[...] produzidas em locais históricos e institucionais específicos [...] emergem do interior de relações específicas de poder e são mais um produto da marca da diferença, do que um signo de uma unidade idêntica” (GUARESCHI, 2008, p.63). Essa marca da diferença se caracteriza pela identificação daquilo que não se é. No caso da mulher, ela não é o homem, ela é o Outro como afirma Simone de Beauvoir. Dessa forma, o debate sobre a feminilidade se faz através da afirmação que traz o homem como sujeito da história e a mulher configurando-se como o Outro, o secundário (BEAUVOIR, 2016).

A feminilidade e a masculinidade se ligam diretamente à sexualidade, principalmente sob a luz das relações de poder entre homens e mulheres. A identidade feminina se constrói através da dominação exercida pelos homens sobre as mulheres (CHARTIER, 1995). Essa dominação é naturalizada, existente no seio das relações interpessoais homem-mulher como biológica. Os artifícios utilizados para controle são manipulados de acordo com a necessidade

da dominação, dessa forma os cânones corporais impostos pelos homens, se enraízam na mentalidade feminina que visa sempre agradar seu parceiro.

O corpo da mulher é campo de batalha para a dominação. Foucault falou de certos dispositivos de saber e poder que envolvem o sexo. (FOUCAULT, 1977). Um destes dispositivos em específico (histerização do corpo da mulher) mostrou a preocupação com o corpo da mulher. Esse corpo foi analisado, qualificado, desqualificado e integrado em determinados sistemas sociais específicos, como o espaço familiar, por exemplo, tido como exclusivo feminino e envolto na figura da boa mãe. Esse cuidado com o corpo feminino centra-se principalmente na figura materna e infantil. A medicina toma cuidados específicos com o corpo feminino, controlado desde cedo pelo médico ginecologista (SOHN, 2011).

Atualmente, os corpos femininos vivem no tripé beleza-saúde-juventude (bem como no século passado também viviam), já que a beleza se identifica com o saudável, e este com o jovem. Remaury (2000 apud DEL PRIORE, 2000, p. 14), afirma que essas três condições citadas, são as condições culturais da fecundidade, portanto, da perpetuação da linhagem. Em todas as culturas a mulher é objeto de desejo. Em pouquíssimas, esse desejo estaria dissociado de sua aptidão para a maternidade.

A associação da mulher ao papel de mãe é reforçada pela Igreja Católica, onde a figura feminina se liga diretamente ao princípio da vida. A mulher é aquela que foi concedido por Deus o milagre da vida, de dar à luz. A mulher mãe, imagem sagrada, tem seu sexo voltado apenas para a reprodução sendo negado a ela o prazer. Essa mulher é associada aos sentimentos de amor e compaixão, sendo sempre lembrada pela imagem da Virgem Maria.

Assim como a feminilidade é construída socialmente, a masculinidade também é. Nossa sociedade está muito ligada aos binarismos: bem e mal, mente e corpo, fé e pecado, etc. dessa forma, Welzer-Lang (2004, p. 113) afirma que “[...] os homens só existem como categoria, grupo (ou classe) em relação estrutural com as mulheres” e conseqüentemente a masculinidade também. A construção social da masculinidade se liga, portanto, as qualidades contrárias da feminilidade: se a mulher deve ser dócil, delicada, educada, frágil, etc. o homem deve ser forte, ágil, corajoso, destemido. A concepção da masculinidade hegemônica²⁶ é reforçada também pela mídia, mostrando corpos definidos e fortes. Novamente se liga a ideia de saúde e bem estar para o controle subjetivo dos corpos tanto masculinos quanto femininos.

²⁶Segundo Connel e Messerschmidt, “[...]a masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas [...] que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Para a construção da masculinidade, é necessário combater aspectos que possam associar-se às mulheres (WELZER-LANG, 2001). Um homem que apresente outros traços que não seja virilidade e força, por exemplo, é visto como ‘menininha’, transformando o termo em algo pejorativo. Ser um homem ‘menininha’ além de afirmar a colocação da posição da mulher inferior ao homem, ainda traz consigo uma carga gigante de homofobia. Desde o nascimento até a vida adulta, os meninos fogem de tudo que possa ser considerado ‘coisa de menina’. O menino aprende quais devem ser seus brinquedos para não ser chamado de ‘menininha’ na escola, e se algum coleguinha tiver atitudes diferentes daquelas que foram aprendidas que um menino deve seguir, esse já se torna alvo das piadas. Por isso Werlzer-Lang (2004, p.118) esclarece que “[...] homofobia e dominação das mulheres são as duas faces de uma mesma moeda” já que ambas recebem conotações pejorativas aos olhos dos homens.

Masculinidade e feminilidade são, então, conjuntos de práticas que foram construídas socialmente em torno das relações de gênero. O gênero se liga à identidade do sujeito que está ligada também segundo Woodward (2007, p. 14, grifo do autor) “[...] a condições **sociais e materiais**”, marcando-se pela diferenciação social, assim como o gênero que é para Butler (2017, p. 194) “[...] a construção cultural variável do sexo, uma miríade de possibilidades abertas de significados culturais” ou de forma mais simplificada, como define Scott (1995, p. 75) “[...] uma forma de indicar ‘construções culturais’ – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres”.

Partindo dessas afirmações, podemos afirmar que gênero e identidade (masculinidade e feminilidade como identidade de grupo) são construções. Por isso a famosa frase dita por Beauvoir (2016, p. 11) “[...] ninguém nasce mulher: torna-se mulher” é tão carregada de significados. Beauvoir afirma, com essa frase, que o conjunto de práticas envolvidas no que significa ser uma mulher [leia-se feminilidade] são realizações culturais construídas de acordo com determinados interesses. Por isso que ser mulher é uma construção, um processo que não se sabe quando terá fim (BUTLER,2017). A interdisciplinaridade permite mostrar que os temas abordados em Aline não são apenas domínio da História, mas também de diversas Ciências Humanas, como a Antropologia, Sociologia, Psicologia, etc.

3 CRIADOR E CRIATURA: APARECIMENTO DE ALINE

3.1 ADÃO ITURRUSGARAI, O CRIADOR.

Adão Iturrusgarai²⁷ é um artista e cartunista brasileiro, nascido na cidade de Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul. Iturrusgarai entrou no curso de publicidade e propaganda e trabalhou em algumas agências, mas em 1993 largou a faculdade e passou a se dedicar aos quadrinhos e ao humor²⁸. Atualmente mora na Argentina, onde publica na revista *Fierro*, além das suas tiras diárias publicadas no Jornal Folha de São Paulo (ITURRUSGARAI, 2018)

Suas primeiras tiras foram publicadas na adolescência, num jornal local de sua cidade chamado Jornal do Povo. Editou revistas e quando se mudou para São Paulo, trabalhou como roteirista em programas televisivos, como o Casseta e Planeta e a TV Colosso, ambos da Rede Globo. No mesmo ano em que publica as tiras de Aline, 1996, Adão foi convidado a fazer parte do grupo *Los 3 Amigos*, composto pelos cartunistas Angeli, Laerte e Glauco, em que suas tiras cômicas fizeram sucesso. (MASSOLINI, 2018)

Iturrusgarai desenhou Aline pela primeira vez entre 1993 e 1994²⁹, mas apenas em 1996 que ela passou a ser publicada. Segundo o autor, em entrevista³⁰, ele resolveu criar um pacote de tiras para o jornal Folha de São Paulo, e achou que um triângulo amoroso poderia ser um sucesso. Em outra entrevista, Iturrusgarai afirmou também que criou o triângulo amoroso entre Aline, Otto e Pedro, pois acreditou que daria boas piadas.³¹ Quando perguntado novamente, disse que achou a ideia de criar um triângulo amoroso de uma mulher com dois homens “[...] divertida e transgressora”, até mesmo “[...] mais feminista” (ITURRUSGARAI, 2018).

A tira levou, a princípio, o nome *Big BangBang*, mas Aline acabou ganhando maior atenção ao longo dos anos, até que a tira passa a levar seu nome. Além das tiras no jornal, Iturrusgarai publicou em formato de livro as histórias de Aline, Otto e Pedro.

²⁷Informações pessoais retiradas do site do autor, disponível em: <https://adaoiturrusgarai.wordpress.com/o-autor-2/>. Também é possível encontrar maiores informações sobre o autor e suas obras nos sites: <http://www.iturrusgarai.com> e <http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/adao-iturrusgarai/154> Acessados em 27 maio 2018.

²⁸ Informações fornecidas por Adão Iturrusgarai por e-mail.

²⁹ O ano exato em que o autor criou a personagem é incerto. Em algumas entrevistas estão como ano de criação 1993, outras 1994.

³⁰ Entrevista concedida ao site Impulso HQ, Disponível em: <http://impulsohq.com/quadrinhos/entrevista-adao-iturrusgarai-aline/> Acesso em 27 maio 2018.

³¹ <https://renatofelix.wordpress.com/2009/10/01/entrevista-adao-iturrusgarai-criador-de-aline/>

3.2 ALINE: A CRIATURA E SEU TEMPO

Aline é uma jovem adulta que mora com seus dois namorados na cidade de São Paulo. Trabalha numa loja de CDs e é conhecida por seus vizinhos pelas atitudes excêntricas. Excêntricas para os vizinhos, pois Aline, que foi publicada a partir de 1996 traz em suas tiras características dessa sociedade que se insere, além dos seus dois namorados é uma jovem que quebra alguns tabus culturais. Adão Iturrusgarai, (2011) o criador de Aline a definiu como “[...] resolvida, divertida e moderna”. Ao mesmo tempo em que as tiras trazem debates muitas vezes polêmicos, e assuntos delicados, também trazem alguns aspectos menos revolucionários, aspectos ligados ao senso comum.

Aline também ganhou adaptações para a televisão, como a série com seu nome na Rede Globo que foi ao ar como especial de fim de ano, um episódio teste, em Dezembro de 2008. Em Outubro de 2009 ganhou mais sete episódios da primeira temporada e uma segunda temporada com cinco episódios em Fevereiro de 2011³². Outra adaptação sua foi um pacote de cinco episódios exibidos pelo canal *Cartoon Network* no Brasil, em sua rede de programação chamada *AdultSwim*³³. Quando perguntado sobre as adaptações televisivas, Iturrusgarai afirmou que televisão com atores é mais difícil, pois precisaram fazer algumas alterações para poder transmitir em uma rede aberta de televisão, para ele “[...] animação é mais fácil porque continua sendo um desenho. TV com atores me parece bem mais complicado” (ITURRUSGARAI, 2009).

É importante salientar aqui que, a Aline da série televisiva pouco se parece com a Aline dos quadrinhos. Para a transmissão do seriado muitas mudanças foram feitas na personagem, conforme o próprio site da série afirma a abordagem da série “[...] apresentava um humor mais delicado do que nas tiras, para não chocar o público do veículo” (GLOBO, 2018). Foi necessário transformar Aline numa comédia romântica para que pudesse ter a aceitação do público. Iturrusgarai, na época do lançamento, deu algumas entrevistas e, sempre que perguntado sobre o que achava dessa mudança que a tevê traria para Aline, respondia que sabia da necessidade da adaptação para a transmissão, mas que a Aline de verdade continuaria sendo a dos quadrinhos. Segundo ele “[...] obviamente o personagem vai mudar um pouco. Mas essa é a Aline da Globo. A minha, intocável, continua no papel” (ITURRUSGARAI, 2009).

³² Informações retiradas do site. Disponível em:

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/aline/formato.htm>> Acesso em: 27 maio 2018.

³³ Os cinco episódios estão Disponível em: <<https://vimeo.com/10022621>> Acesso em 27 maio 2018.

Ao lançamento da série, várias entrevistas foram feitas com Iturrusgarai. Em uma delas, ele afirmou que Aline era filha da RêBordosa, famosa personagem de Angeli publicada nos anos 80. Na época, Rê Bordosa era uma das maiores personagens femininas nos quadrinhos, e abordava os temas que Aline passou a abordar. A ‘depravação e libertinagem’ que contém a tira de Aline, já estava presente em Rê Bordosa anos antes. Rê Bordosa viveu em meio a libertação sexual durante as décadas de 1970 e 1980, dessa forma suas tiras são contadas a partir da vida boêmia que vive. Iturrusgarai já afirmou em entrevistas que Angeli era uma grande fonte de inspiração. Adão afirmou que não criou Aline pensando especificamente nisso, mas que, “[...] cronologicamente, Aline acabou encaixando como filha da RêBordosa” (ITURRUSGARAI,2018). Quando perguntado qual sua opinião sobre essa comparação, Adão disse que fica feliz, pois também se considera “filhote” de Angeli. Dessa forma não é surpresa que Aline lembre tanto assim sua precursora.

A última publicação de Aline na Folha de São Paulo foi em 2009, em que a personagem possuía pouco mais de 20 anos. Em 2014, Iturrusgarai passou a publicar uma nova série sobre Aline, chamada ‘Aline, 40’. Nas novas tiras, Aline aparece já adulta, e ainda com seus dois amores. O acréscimo no elenco é a filha dos três, Luna. Luna tem cinco anos e não sabemos quem é seu pai biológico. Aline, Otto e Pedro sofreram com as ações do tempo e na nova tira e precisam aprender a conviver com novos impasses que a vida adulta pode lhes trazer.

Figura 4 - Aline, 40 por Adão Iturrusgarai.



Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 22 mar. 2014.

Adão também publica as tiras de Aline, assim como outras histórias, em seu blog, *a vida como ela yeah*³⁴. A publicação mais recente da tira foi abril de 2018, no blog.

³⁴ Disponível em: <<https://adaoiturrusgarai.wordpress.com/>> Acesso em: 25 ago. 2018.

Figura 5 - Aline por Adão Iturrusgarai.



Fonte: Plataforma digital do autor, 30 abr. 2018.³⁵

A tira conta com várias personagens femininas que aparecem esporadicamente e que rendem grandes debates sobre diversos temas. Após a própria Aline, podemos citar Linda a vizinha e a mãe da Aline com mais aparições. Mas também há outras vizinhas, a avó da Aline, e outras mulheres que Aline encontra no caminho ou em locais como mercados e bares. Assim como a própria Aline, essas personagens trazem aspectos do cotidiano que podem ser analisados dentro do contexto da tira, e também trazem alguns rompimentos com sentidos comuns.

Figura 6 - Aline por Adão Iturrusgarai.

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 9 dez. 2000.

Figura 7 - Aline por Adão Iturrusgarai.

³⁵ Disponível em: <https://adaoiturrusgarai.wordpress.com/2018/04/30/aline-traiu-8-vezes/> Acesso em: 25 ago. 2018.

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 16 dez. 2000.

Na figura 6, Aline encontra a avó lendo uma revista com fotos de homens nus. Até o segundo quadro, o leitor crê que Aline vai dar um sermão em sua avó. Seguindo o senso comum de que os avós (geralmente ligados à faixa etária acima de 50 ou 60 anos) não possuem vida sexual ativa. Aline então faz uma ligação para uma agência de garotos de programa, sugerindo que a avó pare de apenas ler as revistas e passe à relação sexual.

É possível utilizar a tira na chave da reflexão acerca da sexualidade de mulheres que já atingiram uma idade mais avançada³⁶. Na figura 7, a avó da Aline vai até uma farmácia comprar camisinhas. A frase do atendente “Você não tem idade pra comprar isso” seguida do “Não disse?” após a afirmação de que se tratava de uma avó, apresenta justamente o tabu citado anteriormente. Esse pensamento muito comum que liga a figura dos avós à inexistência da relação sexual gera um tipo de preconceito generalizado.

A perda do interesse sexual para as mulheres pode estar ligada à menopausa (evento que acontece a partir dos 50 anos de idade), mas, não necessariamente deva ocorrer. Uma vida sexualmente ativa é parte natural da composição do ser humano, e deve ser encarada como tal independentemente da idade. Porém, “[...] a moral vigente durante séculos reforçou o mito de que o momento da menopausa e a consequente perda da capacidade de gerar filhos marcavam o fim do interesse sexual feminino” (VARELLA, 2012).

O corpo da mulher foi visto como o local sagrado da procriação e afirmado como tal pela ciência durante anos. Os estudos sobre o corpo feminino apontavam diversas disfunções em relação ao masculino, e dessa forma se justificava a educação feminina passiva e caseira, voltada para a criação dos filhos e cuidados com o marido. O Papa Leão XIII, afirmava no século XIX que “[...] a natureza feminina tinha sido feita para o trabalho doméstico, e aquela

³⁶ Em nenhuma tira Aline afirma a idade de sua avó. Dessa forma, supõe-se que esse seja aproximadamente a idade da avó, dada a idade da Aline em 1996, ano de lançamento da tira (informação fornecida nas próprias tiras e pelo autor em diversas entrevistas).

era a melhor forma de preservar a sua modéstia, promover a boa criação dos filhos e o bem-estar da família” segundo Bell e Offen (1983 apud YALOM, 2002, p.296).

Devido a essa carga cultural sobre o papel feminino no sexo reprodutório, percebe-se situações como as descritas nas figuras 4 e 5. Hoje, apesar de estarmos transformando essas antigas concepções e compreendendo melhor o sexo por prazer e não por procriação, ainda encontramos o preconceito da atividade sexual para homens e principalmente mulheres com idade mais avançada. As novas gerações passam a reprimir a sexualidade de pais e avós, e passam a criar um mito da velhice assexuada. A avó da Aline, assim como sua neta, mostra nestas duas tiras aquilo que a medicina vem afirmando durante o século XXI: a mulher deve manter sua vida sexualmente ativa, mesmo com idade mais avançada, se isso for de seu desejo (sendo que muitas mulheres podem perder o desejo sexual após a menopausa).

Além da avó da Aline, outra aparição familiar é a mãe da Aline. A mãe aparece em algumas tiras, principalmente após o pai começar a se relacionar com a melhor amiga de Aline.

Figura 8 - Aline por Adão Iturrusgarai.

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 18 jan. 2000.

Figura 9- Aline por Adão Iturrusgarai.

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 22 jan. 2000.

Na figura 8, Aline sai com a mãe com objetivo de contar sobre o namoro do pai. No último quadro a mãe pede um uísque duplo sem gelo. Um dos sentidos comuns mais equivocados é o das bebidas alcoólicas: bebida de mulher *versus* bebida de homem. Essa ideia vai separar as bebidas mais adoçadas (*drinks* com frutas e leite condensado, por exemplo) para as mulheres, e bebidas mais fortes para os homens (como uísque e cerveja, por exemplo). Certamente que muito já se evoluiu em relação a essa questão, porém ela ainda existe, mesmo que em menor proporção. Dessa forma, quando a mãe da Aline pede um copo de uísque sem gelo, ela não está apenas pedindo uma bebida, mas também se colocando contra o senso comum. Ao mesmo tempo, o fato de seu ex-marido estar se relacionando com a amiga da filha é algo sério, algo que a perturba, a troca do café por algo mais forte, traz consigo esperança que ele lhe dê coragem para enfrentar algo que a desagrada.

Já na figura 9, a mãe da Aline traz o debate da competição. Apesar de estar separada do pai, a mãe da Aline preocupa-se em saber se a nova namorada do ex-marido é bonita ou não. Muito se fala atualmente em sororidade, que de forma simples nada mais é que o apoio entre mulheres. Ensina-se desde cedo para as meninas que elas devem ser ou fazer para ser melhor que a colega/amiga/conhecida. Recentemente se tem questionado o motivo dessa rivalidade, uma vez que ela não é encontrada entre os homens. Mulheres são ensinadas desde pequenas que outras mulheres são suas inimigas. E que dessa forma, é necessário buscar ser melhor, ou seja, mais bonita, mais inteligente, mais simpática, para ‘vencer’, colocando as mulheres em competição. Muitos sites e livros vendem dicas de como se tornar a ‘vencedora’ dessa ‘batalha’.

Uma das formas dessa competição pode ser percebida na figura 7. No segundo quadro, a mãe afirma de forma enfática que não quer saber nada da namorada, e no terceiro quadro pergunta se ela é bonita. Pela expressão facial da mãe, percebemos que ela está triste quando faz a pergunta, porque tem medo que a resposta seja positiva e dessa forma ela ‘perde’ a competição. A tira mostra um dilema vivido pelas mulheres: querer ignorar a competição, porém mostrar que ela está presente. Nas falas das meninas que descobrem seu ex-namorado com outra, é muito comum encontrarmos frases como “tomara que ela seja feia” ou “ela nunca vai me superar”, reforçando ainda mais esse sentimento de competição entre as mulheres. A mãe da Aline está representando esse debate acerca da sororidade, tão importante para que as mulheres percebam que não são inimigas umas das outras, mas sim companheiras de luta contra a submissão patriarcal que sofreram durante tantos anos e que ainda sofrem.

Figura 10 - Aline por Adão Iturrusgarai.

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 28 set.2002.

Dando continuidade ao tema da competição, temos a figura 10 em que Aline encontra antigas colegas de escola. Aline está trabalhando numa loja como vendedora e as colegas chegam fazendo afirmações que acabam deixando a protagonista intimidada. O tom de julgamento na fala das colegas nos mostra que as meninas ainda estão atreladas a competição que iniciou na escola, onde a protagonista provavelmente contava vantagens sobre a carreira que pretendia seguir e intimidava as colegas, que se sentiam reprimidas na disputa com Aline. Ao mesmo tempo, a tira nos mostra que um dia Aline sonhou em ser modelo, uma profissão atrelada à concepção de feminilidade que não é tão subversiva como ela adotou na vida adulta.

Podemos encontrar outra personagem que também aborda o tema da competição em algumas tiras: Linda, a vizinha 'inimiga' que virou melhor amiga.

Figura 11 - Big BangBang por Adão Iturrusgarai.

BIG BANG BANG - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 25 jan. 1997.

A figura 11 mostra Aline na posse de uma revista com a foto de uma mulher nua. A mulher em questão é a vizinha Linda, que fez um ensaio sensual para uma revista masculina. Otto e Pedro (os namorados de Aline) compraram a revista e Aline descobre, fazendo uma cena de ciúme. No último quadro, Linda aparece pedindo um copo de açúcar para a alegria dos rapazes. Posteriormente Aline também faz um ensaio sensual, mostrando ser capaz de competir com a vizinha.

O que é interessante nesse ponto é perceber que a competição entre as duas mulheres (para ver qual das duas é mais *sexy*) anda lado a lado com o tema ciúme, recorrente nas tiras³⁷. É importante perceber que o ciúme nas tiras de Aline mostra uma realidade que muitas vezes tende-se a mascarar, baseada no senso comum de que ciúme é demonstração de amor. Se sente ciúme de coisas que possuímos: objetos, roupas, etc. Contudo, quando se pensa em relacionamentos, o ciúme justifica-se pelo amor. Partindo da ideia que não se possui alguém, uma vez que pessoas não são artefatos para serem posses, o ciúme se transforma em um sentimento destrutivo. A forma exagerada como o autor retrata o ciúme nas tiras, abre caminhos para uma reflexão mais ampla sobre o tema, e sobre a forma como os relacionamentos modernos estão sendo construídos.

Figura 12 - Big BangBang por Adão Iturrusgarai.

BIG BANG BANG - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 31 maio 1997.

Após a disputa entre as duas, Aline e Linda resolvem acertar as coisas e viram amigas. Mas antes disso, Linda começa a investir em Aline, buscando uma possível relação (figura 12). De início Aline não gosta da ideia, mas com o passar dos anos e a evolução das tiras Aline

³⁷ A abordagem do tema ciúme nas tiras geralmente tem os meninos como protagonistas, já que Aline desenvolve certo espírito de amor livre (para ela, para eles não) e os dois não aceitam. Contudo, o ciúme de Aline com eles aparece em muitas das tiras.

aparece com outras parceiras e já afirmou em entrevista³⁸ que não faz diferenciação de gênero para manter relações sexuais. Linda aparece como uma personagem que também quebra alguns tabus sociais, o primeiro deles o da heterossexualidade.

Por meio destes exemplos, é possível perceber que as tiras de Aline trazem uma variedade de temas e abordagens para a pesquisa científica, mostrando o cotidiano e as relações interpessoais. Para além, a gama de conteúdos que a tira proporciona, abre um leque de possibilidades de debates, e principalmente, debates de temas atuais e importantes para a formação da sociedade moderna.

³⁸ O canal MTV produziu um episódio da série *Infotúnio com a Funérea*, um programa de entrevistas onde Aline é a uma das convidadas. Durante a entrevista ela afirma que recebe qualquer gênero em sua cama. O episódio contou com a participação de Iturrasgarai para a produção. Direção de Thiago Martins e Pavão; produção de Romi Atarashi. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IXyTVIb3CVY>> Acesso em: 24 jan. 2018.

4 FEMINISMO E GÊNERO EM ALINE

4.1 FEMINILIDADE E PADRÃO DE BELEZA

Conforme já afirmado anteriormente, a feminilidade é uma construção social que, hoje compreendemos, está sujeita a alterações. Essa construção diz respeito à um conjunto de funções que se dissociam da personalidade individual, e monopolizam um grupo de acordo com determinadas características. No caso das mulheres, a feminilidade é apresentada como um conjunto de atributos próprios que a mulher, acreditava-se, já nasce possuindo. Contudo, conforme afirma Maria Rita Kehl:

Os discursos que constituíram a feminilidade tradicional fazem parte do imaginário social moderno, transmitido através da educação formal, [...] da religião e da grande produção científica e filosófica da época, que determinava o que cada mulher deveria ser **para ser verdadeiramente mulher**. (KEHL, 2008, p. 44, grifo da autora).

O ideal de ser homem e ser mulher, primeiramente pautado na biologia e afirmado pela religião, sofre com os ideais de autonomia modernos após as revoluções francesa e industrial, apoiados nos ideais iluministas e racionalistas de seguir a ordem social de acordo com sua ‘natureza verdadeira’. Eles se constroem de forma que o ideário feminino sustente o masculino. Assim, características como doçura, fragilidade e submissão foram cultivadas para que se sustentasse o ideal viril dos futuros maridos: as mulheres deveriam ser “[...] frágeis e desprotegidas para mobilizar neles [homens/maridos] a força, a potência, o desejo de proteção” (KEHL, 2008, p. 61).

Com o advento dos estudos de gênero e do feminismo que possibilitaram a compreensão da multiplicidade das identidades sociais, a feminilidade padrão passa a ser contestada. As características passivas atribuídas até então as mulheres, começam a ser questionadas pelos movimentos sociais e adentram a academia mostrando que como elementos sociais, culturais e historicamente construídos, tanto a feminilidade quanto a masculinidade são mutáveis e abstratos.

Figura 13- Aline por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervodo Jornal Folha de São Paulo, 15 jun. 2002.

Na figura 13, o autor faz uma brincadeira com essa feminilidade pré-concebida, sinônimo de passividade e doçura. Na tira, Aline está dormindo e sonhando com coisas que gostaria de comprar. Dentre os objetos desejados, um macaco hidráulico. Nossa sociedade construiu o estereótipo masculino voltado para trabalhos que utilizem a força e a inteligência, e renegaram as mulheres esses espaços. Saber sobre a parte mecânica de um carro, ou até mesmo interessar-se pelo assunto são características atribuídas ao homem, até mesmo o ato de dirigir³⁹.

Essa brincadeira do autor nos faz perceber que ainda encontramos resistência para entrar nesse universo dito masculino, mas que de fato está aí para ser ocupado por qualquer pessoa. Mesmo que muito se tenha desconstruído sobre o que ‘coisa de mulher’ e o que não é, ainda encontramos muito pré-conceito com mulheres que se interessam sobre carros, por exemplo, ou que fizeram da direção sua profissão.

Aline abre espaço para muitas dessas pré-concepções do que é ou deixa de ser ‘coisa de mulher’ em suas tiras, como é possível ver nas figuras a seguir:

Figura 14– Aline por Adão Iturrusgarai

³⁹ A carreira de motorista se liga ao universo masculino, apesar de termos muitas mulheres no ramo. Ainda encontramos o sentido pejorativo da mulher motorista: ‘você dirige como mulher’, frase utilizada para inferiorizar os companheiros que cometem erros no trânsito. Mais sobre o assunto no subitem 3.2.

ALINE - Adão Iturrugarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 17 out. 1998.

Figura 15 - Big BangBang por Adão Iturrugarai



Fonte: Aline era uma vez, 2001, p.11.

Nota: tira também publicada no jornal Folha de São Paulo em 24 ago. 1996.

Na figura 14, Aline está participando de um filme sobre sua vida. O diretor pede para ela se descontrair nas filmagens, ao passo que Aline acaba flatulando. Já na figura 15, Otto chama Aline para deitar na cama com ele e Pedro; antes de deitar Aline informa que precisa ir ao banheiro para tirar o absorvente (*modess*⁴⁰), enquanto os meninos vomitam de nojo por imaginar a cena. Mais um dos tabus do universo feminino, a menstruação é sempre tratada como algo nojento. Os tabus em torno do sangue menstrual acompanham a história das mulheres, e geralmente visto como castigo divino às filhas de Eva⁴¹ é desprezado tanto por homens quanto pelas próprias mulheres.

As figuras 14 e 15 mostram o que poderiam ser comportamentos ligados ao universo masculino, uma vez que os atributos construídos ao longo da existência da humanidade

⁴⁰ A palavra *Modess* ficou associada aos absorventes, pois foi a primeira marca no Brasil a produzir o produto e consequentemente mais popularizada. Até pouco tempo, era comum referir-se ao absorvente higiênico como Modess. Tornar a marca sinônimo do produto acabou tornando-se costume entre os brasileiros, como as esponjas de aço (Bombril) e o sabão em pó (Omo), por exemplo.

⁴¹ A figura de Eva atrelada ao pecado original no paraíso (do ponto de vista religioso) fez da mulher, principalmente durante a Idade Média, a hospedeira do pecado e culpada dos males da humanidade.

atrelaram a identidade feminina à passividade. Segundo essa construção, as duas situações representadas nas figuras acima não podem fazer parte do universo feminino, pois não condizem com as características dóceis e meigas das mulheres.

Essas características que são atribuídas a determinado gênero tem sido, cada vez mais, contestadas e quebradas. Durante séculos, acreditou-se que o natural era principalmente a mulher, não falar sobre menstruação e considera-la nojenta ou um castigo divino; da mesma forma que outras secreções naturais do nosso corpo. A flatulência ou eructação (conhecida comumente como arrotos) também são tabus, principalmente para o universo dito feminino. Essas rotulações das identidades sexuais colocam os seres em modelos pré-estabelecidos, categorizando-os. Podemos ver um exemplo na próxima imagem:

Figura 16 - Aline por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 12 fev. 2000.

Na figura 16 Aline está num bar com um desconhecido. Ele acredita que Aline seja lésbica. Baseando-se na forma como Aline fala se veste e se porta o homem não consegue encaixá-la na categoria comum das mulheres, pois Aline não está seguindo o padrão pré-concebido. Importante salientar aqui que, a construção das identidades de gênero foram pautadas nas categorias binárias homem/mulher heterossexuais, deixando os homoafetivos como anormais. Conforme afirma Soraia Januário, a nossa sociedade se marcou por padrões nos quais “[...] o homem, caucasiano, heterossexual, com destaque social e financeiro marca o padrão universal, a mulher é, conseqüentemente, definida como o segundo sexo, frágil, submissa. Já os homossexuais são ‘doentes’, anormais e desviantes” (JANUÁRIO, 2016, p. 37).

O comportamento que Aline apresenta na figura 14 baseada na resposta dada a pergunta do rapaz “cai fora meu!!”, faz com que o rapaz não perceba as características geralmente associadas à categoria das mulheres. Aline está sentada no balcão de um bar,

sentada com as pernas abertas e nem um pouco feliz em ser incomodada pelo rapaz que chaga ao seu lado. Ao dizer que acha Aline esquisita, ele percebe que ela não se encaixa nos padrões associados às mulheres (dócil, delicada e meiga, por exemplo). Se não se encaixa nesse grupo, e também não se encaixa no grupo dos homens (pois a pré-concepção precisa do fator biológico para afirmar a participação ou não do grupo), logo, entra para o grupo dos desviados: os homossexuais. Esses grupos se formam com base no sexo biológico dos participantes. Sexo esse, que vai dizer os padrões femininos e masculinos que devem ser os ‘normais’ da sociedade. O gênero desconstruído quebra esses padrões e mostra que a identidade de cada ser não é fixa, e que as características atribuídas a cada grupo não podem ser assumidas como uma verdade única.

A questão da identidade de cada indivíduo atravessam as fronteiras sociais de gênero e sexualidade que até então foram ensinadas à sociedade. Quando falamos sobre gênero como um processo de construção de identidade, estamos falando de uma condição social heteronormativa que foi “[...] ‘inventada’ por padrões forjados num sistema de dominação masculina” (JANUARIO, 2016, p.32). Esses padrões precisam da heterossexualidade para que possam ser justificados de acordo com o binarismo homem/mulher, rotulando e criando modelos que fixam essas identidades binárias como verdades absolutas. Ao mesmo tempo, esses padrões criam no imaginário social características físicas padronizadas e ditas como ideais para cada identidade. No caso da mulher, o padrão exige um corpo magro com a barriga definida, mas com coxas mais grossas e seios fartos.

Figura 17 - Aline por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 4 jul.1998.

Figura 18- Aline, por Adão Iturrugarai

ALINE- Adão Iturrugarai

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 1 ago. 1998.

Figura 19- Aline, por Adão Iturrugarai

ALINE - Adão Iturrugarai

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 14 nov. 1998.

Figura 20- Aline, por Adão Iturrugarai

ALINE - Adão Iturrugarai

Fonte: Acervo do Jornal Folha de São Paulo, 22 abr. 2000.

Nas figuras 17a 20, Aline aborda de diversas formas a estética do corpo e os padrões de beleza. Na figura 17 Aline não se sente bem com o próprio corpo, e afirma que está ficando gorda. Otto para confortá-la, a princípio, diz que ela está ótima; na última tira, quando

Aline vai se deitar Otto grita “não vem por cima!”, excluindo todo o conforto dado anteriormente e subentendendo que Aline esmagaria Otto se deitasse por cima dele. Na figura 18, Aline já não se sente mais gorda, mas sim muito magra. Os dois rapazes ficam indignados, pois acompanharam todo o processo de Aline com o seu corpo, e ela ainda não está satisfeita. Já na figura 19, Aline fala com o leitor sobre os excessos de gordura da sua barriga, os famosos pneus. Aline os acha nojentos, mas não tanto quanto seu pelos. E a figura 20, Aline planeja posar nua, mas fica um pouco receosa quando Pedro diz que ela tem celulite; apesar de dizer que sabe que não possui, a insegurança fala mais alto e Aline decide checar a veracidade da afirmação de Pedro.

Essas quatro figuras podem ser trabalhadas sob diferentes ângulos os padrões estéticos que recaem sob os corpos. Esses padrões estéticos femininos cobram das mulheres corpos praticamente impossíveis de alcançar. Os excessos não são bem vistos de nenhum lado (tanto muito gorda, como muito magra). Como vemos nas figuras 17 e 18, Aline não se sente bem com seu corpo, nem se sentindo mais gorda e menos ainda sentindo-se magra. O peso ideal fica entre meio os dois opostos e baseia-se na saúde do corpo, ou seja, muito gorda ou muito magra são geralmente associados aos distúrbios alimentares (obesidade ou bulimia/anemia). Para isso o peso ideal é aquele que em que seu corpo pode ser considerado saudável.

O padrão ideal de corpo para a mulher alia a estética com o bem estar, e tem o apoio da mídia para a difusão desse padrão. A aliança entre atividade física, alimentação balanceada e procedimentos estéticos formam o tripé da saúde nos dias de hoje. A busca incessante do corpo perfeito tem a desculpa de ser saudável.

O corpo que seria o aspecto máximo da individualização do ser passou a ser coletivizado principalmente com o processo de globalização, e o advento cada vez maior da mídia de massas (LACHI; NAVARRO, 2012). O modelo ideal de corpo, que se torna objeto de desejo de homens e mulheres no mundo todo, é vendido pela mídia (principalmente emissoras de televisão e revistas do ramo de beleza, saúde e bem estar) de forma sutil, mascarada. Faz-se presente nas personagens de novelas enquadradas no corpo perfeito, nas reportagens de revistas de saúde que mostram o cotidiano das estrelas das novelas, suas rotinas de beleza e seus treinos para obter o corpo perfeito.

O corpo saudável, também é aquele sem excessos (figura 19) e sem marcas (figura 20). Os excessos de gordura e as celulites e estrias são tratadas através de exercícios físicos localizados, focados em destruir qualquer resquício que possa não encaixar o corpo nos padrões do que é belo. O *fitness* constrói o corpo através dos treinos nas academias, sendo capaz de modificá-los e padroniza-los dentro daquilo que já foi estipulado e difundido

anteriormente. A ciência, a academia e a mídia caminham juntas com o objetivo de padronizar os corpos, principalmente os femininos, unificando-os em torno daquilo que eles colocam como belo.

Os movimentos feministas muito têm lutado contra esses padrões estéticos. Cada vez mais, mulheres são encorajadas, principalmente no campo informal do movimento, ou seja, em blogs, redes sociais e eventos, a abraçar seus corpos do jeito que estão do jeito que nasceram, e perceber a beleza única que existe em cada mulher. O movimento trabalha a partir da ótica que a beleza é algo relativo. O que pode ser belo pra um, pode não ser para outro e assim sucessivamente. Abraçar o seu ‘verdadeiro eu’, tem sido um processo longo para muitas mulheres que por anos seguiram as regras do universo da beleza e passaram pelos mais diversos tipos de procedimentos estéticos para estar dentro do padrão.

4.2 MASCULINIDADE E VIRILIDADE

Assim como a feminilidade é construída social e culturalmente, a masculinidade também é fruto desse processo. A virilidade, qualidade do masculino, também é construída a partir de modelos do que deveria ser um padrão normativo (JANUARIO, 2016, p. 79). Se a mulher é o outro, conforme já falamos e conforme afirma Beauvoir, então o sujeito principal da história da humanidade é o homem. O homem é sujeito da história já foi discutido na academia diversas vezes, não sendo novidade. A categoria de análise da História das Mulheres vem, desde o século passado, tirando da sombra do homem, as mulheres que também participaram da história do mundo, mas que como são os Outros, até então não apareciam nos documentos oficiais.

A dominação masculina é uma evidência e se exerce em todas as esferas, possibilitando ao homem todos os tipos de privilégios. Os movimentos feministas tem denunciado essa dominação, mostrando para as mulheres que assim como a feminilidade é construída e instaurada como modelo único para as mulheres, essa masculinidade também é. A partir dos questionamentos trazidos pelo movimento sobre o gênero e sobre o ‘ser mulher’, “[...] começou-se a compreender que ‘os homens também se tornam homens’.” (JANUÁRIO, 2016, p. 76).

Atualmente, muito se avançou nas pesquisas sobre a masculinidade. Assim como a feminilidade, compreende-se que existem masculinidades múltiplas e diferentes entre si, que são plurais e diversificadas. Dentre todos os padrões de masculinidade, encontramos a hegemônica, que segundo afirma Januário (2016, p. 121), “[...] seria uma representação da

forma de masculinidade dominante, que [...] exerce uma grande pressão sobre o universo masculino”. Para a autora, a masculinidade hegemônica é atribuída ao homem heterossexual, branco e financeiramente estável. Essa masculinidade é que sustenta o patriarcado, que garante a posição dominante do homem e dominada da mulher. Essa masculinidade hegemônica é a que foi ensinada por séculos para as crianças do mundo inteiro.

Figura 21- Aline, por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 14 ago. 1999.

Assim como a feminilidade faz parte de uma construção histórica e social, as masculinidades também. As construções dos papéis de gênero, ou das masculinidades e feminilidades, ocorrem de forma dicotômica. Essas duas partes contrárias estão presas à uma determinadas representações dominantes que foram construídas socialmente e que se colocavam como único destino. Dentre os atributos masculinos estariam à força e a virilidade, por exemplo. Atribui-se também à masculinidade a indiferença com as etiquetas sociais.

Na figura 21, Aline está sozinha e aproveita para ‘imitar um homem’. Sua imitação consiste em cuspira, arrotar e coçar a região genital. As três ações executadas por Aline, são geralmente associadas ao universo masculino. Ao final da tira, ela diz ter ficado com tesão por si própria após essa demonstração de masculinidade. Durante muito tempo, meninos foram criados e ensinados a se comportarem mal para atrair as meninas e mulheres a sua volta. Um comportamento mais brusco e rude seria o ‘segredo’ para atrair o sexo oposto. A virilidade, caráter da masculinidade, está associada a atitudes mais brutas, deixando à mostra a força que o homem possui.

Figura 22- Aline, por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 8 ago.1998.

Figura 23- Aline, por Adão Iturrusgarai

ALINE- Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 29 ago. 1998.

Dentre as qualidades atribuídas à masculinidade, encontramos o da potência sexual como outro atrativo. As relações afetivas e sexuais seriam o local onde o homem comprovaria sua virilidade à sua mulher. Podemos ver nas figuras 22 e 23 duas situações em que a masculinidade dos personagens ficou abalada pelas posições que Aline tomou em relação ao ato sexual. Na figura 22, Otto e Pedro estão sentindo-se mal por falharem sexualmente com Aline e perguntam se ela não vai confortá-los, dizendo que isso pode acontecer com qualquer um; Aline não diz, mostrando claramente que ficou decepcionada. Na figura 23 temos Aline na cama com Linda, sua vizinha e amiga, e um encanador. Aline pergunta se a relação foi boa pra ele, e ele se ofende dizendo que essa frase deveria ser dele.

Nas duas figuras, encontramos duas situações em que os personagens masculinos sentem-se quase rejeitados, uma vez que seus papéis foram tomados. Na figura 22, quando Aline não mostra nenhuma solidariedade com a falha dos dois (atitude esperada da feminilidade padrão) e na figura 23 quando Aline pergunta se o rapaz gostou da relação que

tiveram (atitude atribuída ao homem, já que ele é o dominador segundo as leis naturais). Ambas as figuras demonstram a masculinidade hegemônica ferida, já que a mulher toma a frente para a busca do prazer, não permitindo que o homem o faça.

A masculinidade se depara também com a questão, debatida anteriormente, do Outro de Beauvoir. Pois, até então se considerava segundo Almeida (2000 apud JANUÁRIO, 2016, p. 119) “[...] que ‘ser homem’ significa não ‘ser mulher’ e um corpo que possua órgãos genitais masculinos”. A associação do feminino é feita com a homossexualidade, tabu para a masculinidade.

Figura 24 - Aline, por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 16 set. 2000.

Figura 25 - Aline, por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 10 fev. 2001.

Na figura 24 Pedro sugere trair Aline, já que ela também trai os dois. Otto não gosta da ideia, pois Pedro quer trair o triângulo, ficando apenas com Otto e deixando ela de fora. Otto foge de pedindo uma passagem para o lugar mais longe que consegue pensar. Na figura 25, Otto coloca uma saia, e Aline elogia-o, querendo dizer que é preciso coragem para usar

uma peça de roupa associada ao universo feminino. Pedro distorce a fala de Aline, acusando o amigo de homossexualidade.

A masculinidade hegemônica encontra na figura feminina e em tudo que se associe a mulher seu inimigo. Inimigo no sentido de não tornar-se aquilo, apenas possui-lo. A identificação do masculino se encontra no não ser, de forma biológica, ou seja, não possuindo os órgãos genitais, o feminino. A mulher, e conseqüentemente todo seu universo, características e qualidades, associada ao objeto da dominação e o oposto do dominador, é o que a masculinidade hegemônica teme se aproximar de ser. Como objeto ela serve, como identificação não.

Dessa forma, ser acusado de estar aproximando-se, caracteristicamente, da mulher, se torna pejorativo, ofensivo. Insultos como “você joga como uma menininha” para quem joga bola ou “aposto que é mulher” quando algo errado acontece no trânsito, são utilizados ainda hoje no cotidiano da população, e estão enraizados em nossa sociedade graças aos anos de dominação masculina e medo de tornar-se mulher. “Homem não chora”, “faça isso direito, feito um homem” são frases que apenas reforçam a dominação masculina. Os movimentos feministas têm lutado para desfazer esse tipo de pensamento, mostrando o sexismo nessas frases e que as características da masculinidade hegemônica já estão sendo quebradas pela multiplicidade de masculinidades que existem.

4.3 SEXO, PRAZER E OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO

A busca pelo prazer sexual fica marcada em Aline. A grande maioria das suas tiras conduz de alguma forma, uma abordagem que mostra a personagem em busca de satisfazer sua constante necessidade de prazer. Aline não gosta de monotonia na sua rotina amorosa, como mostram suas tiras. Seus envolvimento com os mais diversos homens e mulheres sempre apimentam a relação com Otto e Pedro. A busca por prazer de Aline, também demanda seu esforço em satisfazer seus parceiros, em todas as formas que puder imaginar.

O BDSM está presentes das tiras de Aline, marcando essa busca por satisfação do prazer. A sigla é utilizada para denominar as práticas de Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão e Masoquismo (ou sadomasoquismo), e representam uma sexualidade não dominante, e quase periférica. O BDSM é, geralmente, associado à homossexualidade, depravação e pornografia, denominações essas que resultam na não aceitação dessas práticas ditas imorais pela sociedade.

Figura 26 - Big BangBang por Adão Iturrusgarai

BIG BANG BANG - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 22 nov. 1997.

Na figura 26, Aline experimenta algumas fantasias, pensando em agradar seus namorados. O último requadro, vemos Aline com uma roupa de couro e chicote, acessórios utilizados nas práticas BDSM. Esse tipo de prática envolve o descobrimento do prazer em outras áreas do corpo que não os órgãos genitais, e explora os limites físicos dos praticantes. Conforme afirma Fátima Freitas (2010, p.2) “[...] refletir sobre práticas BDSM é entender o prazer e o desejo deslocados da genitalidade e muitas vezes dos corpos, é construir e vivenciar jogos de poder, prazer e dor em contextos consensuais”.

Figura 27 - Aline por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 6 dez. 1997.

Figura 28 - Aline por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai

Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 5 set. 1998.

Na figura 27, Aline está usando a fantasia que escolheu anteriormente e a tira faz clara alusão ao BDSM. A piada do final, em que Pedro diz que Aline iria gostar de ser amarrada reforça a ideia. Na figura seguinte, Otto e Pedro pegam Aline na cama com outros. Ao tentar ameaçá-la com uma punição, Aline reage positivamente, dando a entender que iria gostar do tipo de punição que Otto sugeriu. As menções as práticas BDSM nas tiras de Aline, trazem o debate para um meio de circulação diário como o jornal impresso. Apesar do caráter cômico da tira, e das piadas com as práticas BDSM, a vinculação das práticas à personagem demonstracerta abertura para o debate.

As práticas do BDSM englobam toda a extensão do corpo humano em busca do prazer. As roupas e acessórios utilizados tem papel importante para os participantes, pois tudo faz parte de uma encenação, que visa alcançar o ápice do prazer sexual. Esse tipo de pratica sadomasoquista, sofre os preconceitos por utilizar a dor como fonte de prazer, e é considerada, segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10)⁴², como um transtorno de preferência sexual. Também é conhecido como parafilia, designação dada pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)⁴³, que engloba a pedofilia e fetichismo (DSM, 2014). Mal interpretadas, essas práticas entram para o campo da patologia, mostrando o reflexo de uma sociedade que mantém os padrões morais do século passado. Criticadas por muitos, não compreendidas pela maioria, as práticas BDSM ainda vivem num submundo do prazer.

Segundo Freitas, o que une a sigla BDSM, apesar da relação com o prazer através dador, são as relações de poder inscritas no que cada palavra representa (FREITAS, 2010). É possível pensar que durante o ato sexual que envolve uma pratica sadomasoquista, a

⁴² Disponível em: <<https://www.cid10.com.br/buscacode?query=f65>> Acesso em: 10 ago. 2018.

⁴³ Documento publicado pela Associação Psiquiátrica Americana

feminilidade, ligada historicamente à submissão, faria com que a mulher seja a dominada durante a relação. Contudo, encontram-se mulheres dominadoras e dominadas, alternando os papéis em cada relação, bem como homens em ambos os papéis. Nas figuras 25 e 26, podemos ver Aline como dominadora e como dominada, respectivamente. Nas práticas do sadomasoquismo, apesar de possuírem esses papéis importantes para o contexto da encenação, o que importa pra quem pratica é a fantasia, independente da identidade de gênero ou orientação sexual. Apesar de a prática Sadomasoquista ainda ser controversa, conforme o Manual de Transtornos Mentais, a tira traz esse tipo de debate e realmente problematiza uma série ampla de tabus e temas polêmicos.

Figura 29- Aline por Adão Iturrusgarai

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 15 dez. 2001.

A masturbação, prática que cada vez mais vem sendo desmistificada pelos movimentos feministas, era associada à sujeira e a imoralidade. A visão negativa em torno da sexualidade da mulher é uma constante na História. Aline, renunciando esse papel submisso e assexuado, faz uso de qualquer artifício para satisfazer seus prazeres, e, contrariando o senso comum da feminilidade passiva, não se sente envergonhada ou imoral por buscar seu prazer.

Na figura 29, a personagem está escrevendo um livro sobre suas memórias sexuais e acaba sentindo-se estimulada, decidindo ir ao banheiro para se satisfazer. A tira em nenhum momento aponta para a masturbação de forma direta, contudo, além da personagem possuir características sexuais extremamente ativas, o leitor pode subentender que Aline está indo ao banheiro para se masturbar.

Figura 30 - Big BangBang por Adão Iturrusgarai

BIG BANG BANG - Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 29 nov. 1997.

Na figura 30 Aline está ‘caçando’ suas prezas sexuais, Otto e Pedro. A falta de relações sexuais a teriam transformado num animal. Algumas vezes Aline foi chamada de ninfomaníaca⁴⁴, e essa tira pode ser vista como uma piada do autor a esse rótulo de Aline, representando a personagem como um animal selvagem. A excessiva busca por prazer de Aline, já levou a personagem a ter relações com as mais variadas pessoas e utilizando de diversos artifícios. Essa transformação em animal da personagem na figura 28, também remete às parafilias citadas anteriormente, sendo que a tendência abusiva para o sexo pode ser considerada um tipo de transtorno mental.

A mulher que busca o prazer sexual foi, principalmente no século passado, associada à loucura e as patologias. Se o aceitável e conseqüentemente normal da mulher era essa feminilidade passiva, submissa e assexuada, as que buscavam o prazer e iam contra a concepção imposta eram consideradas anormais. O tabu em torno da sexualidade feminina fez com que as mulheres não conhecessem seus corpos, seus desejos e prazeres. Fez também com que os homens tomassem conta do corpo da mulher como seu objeto, sua propriedade. Recentemente, e cada vez mais, o movimento feminista luta contra a objetificação da mulher, o assédio e abuso sexual.

⁴⁴ Sinopse do seu livro intitulado ‘Aline 3: viciada em sexo’ que pode ser encontrada nos seguintes sites: http://www.lpm.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategoriaID=645528&ID=017082, <https://www.travessa.com.br/aline-3-viciada-em-sexo/artigo/2813c1e6-6457-4e1e-ba4f-80c824bb3cc0> e <https://www.estantevirtual.com.br/livros/adao-iturrusgarai/aline-viciada-em-sexo/2496335843> por exemplo. Acesso em: 9 ago. 2018.

Figura 31 - Big BangBang por Adão Iturrusgarai

BIG BANG BANG - Adão Iturrusgarai

Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 14 set. 1996.

Nota: Apesar da baixa qualidade da imagem, essa é a única de que se dispõe. Dessa forma, realizou-se a transcrição do diálogo em nota de rodapé⁴⁵.

Na figura 31 Otto e Pedro amarram Aline na cama, pois acreditam que ela está ‘no cio’. Aline debocha dos dois dizendo que eles não sabem como funciona uma mulher, e os dois afirmam saber e descrevem um processo realizado para ligar alguma máquina, como um carro, por exemplo. Podemos pensar essa tira a partir dessa objetificação do corpo feminino.

A mulher foi, durante muito tempo na história da humanidade, serva do homem, geralmente se esposou. Esse sentimento de posse que o marido tem pela mulher se associa muito a sexualidade dela. A virgindade antes do casamento era um dos valores morais mais importantes para as moças dos séculos XVIII e XIX. Casar-se com uma mulher virgem, dava ao homem o sentimento de posse sobre ela, provando que era seu dono já que ela não teve relações com outros homens antes dele. A sua esposa que tinha a moral limpa, era seu tesouro e seu pertence.

Tratar a mulher, e principalmente seu corpo, como um objeto que o homem pode possuir é uma grande pauta das lutas feministas. Educar os homens para que compreendam que essa objetificação não é mais aceita pelas mulheres e que elas são, assim como eles, seres humanos com desejos e anseios tem sido uma batalha diária do movimento.

Figura 32 - Aline por Adão Iturrusgarai

⁴⁵ Aline: Me soltem! Por favor!

Otto: De jeito nenhum Aline! Você está no cio!

Aline: Cio?! Acho que vocês não sabem como funciona uma mulher!

Otto: Claro que sabemos!

Pedro: Primeiro se aperta meia dúzia de botõeszinhos...

Otto: ...depois é só girar o motor de arranque e pronto!!

Aline: Ai meu saco!

ALINE - Adão Iturrusgarai



Fonte:

Acervo do jornal Folha de São Paulo, 6 jan.2001.

Na figura 32 Linda, a vizinha de Aline, arruma um emprego numa emissora de televisão. Ao chegar no emprego é direcionada ao que indica ser uma situação desconfortável para ela: o assédio no ambiente de trabalho. Quando a recepcionista informa à Linda o local que ela deve se dirigir e adiciona ‘sofá 4’, a indicação de que ela precisará manter relações sexuais com o diretor se quiser o emprego fica subentendida. Esse tipo de envolvimento em troca de favores sexuais é conhecido como teste do sofá.

Principalmente no universo corporativo, mas não apenas, as mulheres sofrem os mais variados tipos de assédios por ocuparem cargos que, antigamente, pertenciam ao universo masculino. Muitas mulheres que ocupam bons cargos em grandes empresas ouvem as piadinhas dos colegas sobre como elas conseguiram alcançar aquele posto, utilizando de seus corpos e atributos sexuais para seduzir os patrões. Independentemente de ela possuir maior qualificação ou ser mais eficiente que os colegas, o machismo no ambiente de trabalho cria o discurso em torno da mulher como se ela não fosse merecedora do cargo que ocupa.

Durante séculos, as mulheres permaneceram sofrendo assédios em seus ambientes de trabalho e permanecendo em silêncio. Recentemente um grande movimento de atrizes e cantoras norte americanas fez esse tema ser mais abordado pela mídia. A denúncia de assédio sexual contra um produtor hollywoodiano no final de 2017 desencadeou uma onda de mulheres contando suas histórias na internet por meio da *hashtag* denominada *me too* (eu também), e fez com que um grupo de mulheres influentes na mídia norte americana criassem um movimento chamado *Time is up*⁴⁶ (o tempo acabou), mostrando que já passou da hora de falarmos sobre assédio sexual.

Figura 33 - Aline por Adão Iturrusgarai

⁴⁶<https://cosmopolitan.abril.com.br/estilo-de-vida/atrizes-poderosas-criam-movimento-contra-assedio-em-hollywood/> Acesso em 31 de Agosto de 2018.

ALINE- Adão Iturrusgarai



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Paulo, 31 jan. 1998.

Na figura 33 Adão traz um tema que é delicado e extremamente importante: estupro. Os movimentos feministas vêm trabalhando para conscientizar mulheres e homens do consentimento na hora do sexo. No caso dessa tira, Aline está dormindo e Otto resolve mesmo assim manter relações sexuais com sua namorada; antes de acontecer qualquer coisa, Aline acorda e comunica que manter relações sexuais com uma pessoa desacordada, mesmo que a relação entre as duas pessoas seja a mais íntima possível, caracteriza estupro segundo o Código Penal Brasileiro.

O consentimento é tema recorrente dos movimentos feministas, principalmente na internet e redes sociais, onde é possível alcançar grande número de pessoas de forma rápida. Com desenhos e pequenos esquemas simplificados, os movimentos estão mostrando que apenas o sim dito pela pessoa é consentimento. O silêncio e o não, não significam consentir com nada. Ao redor de todo o mundo, mulheres foram para as ruas, recentemente, erguendo cartazes com dizeres como ‘não significa não’ mostrando que os tempos de silêncio sobre assédios e abusos sexuais em mulheres chegaram ao fim.

As tiras de Aline possuem a capacidade de tratar temas polêmicos e tabus. A sexualidade feminina bem como a busca por prazer são abordagens que facilmente percebem-se nas histórias. Mas há também possibilidades inesgotáveis para trabalhar com Aline. Graças ao grande número de tiras publicadas, apenas algumas foram abordadas nesse trabalho. Contudo, Aline propicia grandes discussões que não puderam ser tratadas aqui, como a questão do aborto ou uso de drogas, por exemplo. A feminilidade apresentada pela personagem questiona os padrões hegemônicos e reforça o debate sobre as identidades, que estão em constante transformação. A construção do ideal de beleza feminina, os estudos sobre corpo, sexualidade e prazer são temas trazidos por Aline e que cada vez mais o feminismo acadêmico tem apontado em suas pesquisas, mostrando questões antes negligenciadas, como, por exemplo, a visão da homossexualidade como patologia.

Também é necessário ressaltar a importância dos produtos culturais, tais como a arte, o desenho, as histórias em quadrinhos, como fontes de pesquisa acadêmicas. Os trabalhos que vêm sendo produzidos em torno dessas fontes, têm mostrado grande potencial para compreender as sociedades atuais e principalmente as questões que estão envoltas nessas sociedades. Esse tipo de fonte merece mais atenção do meio acadêmico, especialmente as tiras diárias, como Aline, que fornecem dados importantes para perceber o comportamento político e social das civilizações.

As tiras de Aline mostram uma jovem entrando para a realidade adulta, inserida numa metrópole como São Paulo e que trouxe os ideais que estão em discussão nos anos 1990, ou que pelo menos começam a entrar em cena de forma mais consistente e permanecem até hoje. Apesar de não se autoproclamar feminista, Aline aborda temas de destaque para o movimento. A soberania sobre o próprio corpo, busca por prazer sexual e independência, por exemplo, são temas constantes nos debates feministas e nas tiras. A personagem principal aborda com naturalidade temas relacionados à sua sexualidade e abre caminho pra os mais variados debates em torno desse universo que ainda é tabu para a sociedade, contribuindo veementemente para a discussão sobre a sexualidade feminina, assunto que permaneceu na escuridão por décadas, pois era considerando tema proibido entre as próprias mulheres.

Ao abordar as práticas BDSM, a tira traz a discussão sobre a busca por prazer sexual da mulher em todas as formas possíveis, já que Aline não permanece apenas no papel de submissa durante esse tipo de prática, mas também assume-se dominatrix, mostrando que o prazer é parte importante da vida. Dona de si, a personagem ambienta as tiras com amor próprio, enfrentando padrões estéticos e provando que o amor próprio deve sempre ser maior que a opinião alheia.

Um dos grandes debates da tira é a feminilidade apresentada por Aline. Essa construção social que foi imposta às mulheres ao longo dos séculos, padronizando o ser mulher em uma figura submissa, dócil e frágil é contestado pela personagem em suas tiras. Ora, de forma clara e escancarada, ora de forma mais discreta, quase subentendida. A feminilidade apresentada pela personagem é desviante daquela pré-determinada e aceita moral e socialmente, contudo ainda é uma forma de compreender a feminilidade. O movimento feminista busca, cada vez mais, mostrar que há vários tipos de feminilidade e que as mulheres podem possuir aspectos anteriormente ditos masculinos, mas continuarem sentindo-se e sendo mulheres.

Aline encara sua feminilidade de forma leve, mostrando que a identidade está em constante mutação. A feminilidade, assim como a masculinidade, estão sendo cada vez mais

contestadas e desconstruídas. As novas identidades de gênero abarcam múltiplas características e iniciam um processo de quebra dessa dicotomia que prevaleceu ao longo dos séculos e fez homens e mulheres reféns da construção social e cultural.

Ligada à virilidade, à força e geralmente à forma mais rude de ser e tratar, a masculinidade é abordada nas tiras tanto por Otto e Pedro, quanto por Aline. As críticas feitas pelo autor mostram uma sociedade que já começa a mudar sua forma de pensar as identidades. Principalmente Aline que, debate a forma como a masculinidade hegemônica se apresenta para os homens como única saída, bem como a feminilidade hegemônica para as mulheres. Tomando a frente em diversas situações, Aline não pretende roubar o papel masculino, mas sim equiparar-se.

Mesmo que Iturrusgarai não tivesse a intenção de produzir uma personagem com abordagem feminista, de forma quase inconsciente, Aline acaba posicionando-se a favor do movimento, principalmente quando a tira aborda os temas polêmicos. Apesar do ar cômico, suas histórias trazem aspectos em voga no final do século XX e início do século XXI e mostram uma sociedade que enfrentava, e ainda enfrenta mudanças em suas concepções. Podemos perceber em Aline, o processo de desconstrução desses padrões tidos como naturais e o nascimento, na personagem, de um feminismo que ganha cada vez mais força para combater as desigualdades que por séculos foram aceitas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias em quadrinhos tem ganhado cada vez mais visibilidade graças à produção cinematográfica recente. As grandes empresas que produzem esse tipo de conteúdo (HQs), principalmente no ramo dos super-heróis, tem percebido que, através dessas produções audiovisuais, um maior número de consumidores passa a interessar-se por quadrinhos. No meio acadêmico, não é diferente. Os quadrinhos, cada vez mais, provam-se artefatos políticos que refletem a cultura das sociedades e principalmente refletem os processos de transição e mutação de concepções anteriormente tidas como destino natural de todos os seres.

É possível perceber um aumento no número de produções acadêmicas que utilizam histórias em quadrinhos como fonte de pesquisa nas mais diversas áreas. A área da comunicação ainda domina o ramo de pesquisa com HQs, mas, aos poucos, outras áreas estão percebendo a importância de trabalhar com essa forma de arte híbrida e popular que fornece grandes debates sobre os mais variados temas. Conforme citado anteriormente, as histórias em quadrinhos são frutos de seu tempo e carregam em si as marcas da sociedade em que se inserem. Dessa forma, trabalhar com HQs é compreender a cultura da sociedade.

Os quadrinhos de humor, pioneiros nesse universo, permitem análises sobre questões cotidianas de forma inteligente. As tiras de Iturrusgarai, convidam o leitor a pensar sobre as posturas abordadas nas histórias de Aline, suscitando um olhar questionador e transgressivo em torno do enredo. Ao mesmo tempo que a tira demonstra subversão nos atos e falas dos personagens, ela também reforça alguns estereótipos que estão enraizados. Estereótipos que passam despercebidos nas falas e ações cotidianas. Apesar de ser transgressora, Aline não perde a humanidade, mostrando preocupações atreladas aos padrões estéticos, por exemplo, que partem de estereótipos de beleza e feminilidade.

De forma geral, as tiras de Aline permitem múltiplas abordagens de temas e recortes. Ao analisar as tiras mais afundo, percebemos que a configuração familiar de Aline é diferente da normatividade do século XX, e poderia ser explorada em futuras análises. O pai, mãe e avó da personagem compõe um núcleo familiar que difere dos padrões morais e dos papéis concebidos para esses cargos. Assim também acontece com o outro núcleo familiar formado por Aline, Otto e Pedro. A monogamia é questionada por Aline, e suas histórias nos convidam a pensar na relação entre os três, que não se encaixa no padrão heteronormativo e aceito para a época. Assim como Aline, Otto e Pedro também transgridem do padrão de masculinidade, pois, ao envolverem-se num triângulo amoroso com uma mulher e dois homens, eles precisam

dividir não só carinho e atenção de Aline, mas também dividi-la sexualmente, deixando de lado sua heterossexualidade e dividindo a cama um com outro.

Ao mesmo tempo em que Otto e Pedro suprimem sua heterossexualidade e saem do padrão de masculinidade hegemônica, Aline não castra seu desejo sexual, contrariando a feminilidade passiva e os preceitos morais que até o século passado estão em forte vigência. O desejo sexual era visto como algo de caráter masculino, condenando as mulheres que buscavam esse prazer em suas relações. A masturbação era entendida como patologia e por isso condenada. A Igreja Católica com sua pregação de sexo apenas como meio de reprodução, percebia a masturbação como um desvio de conduta moral, e no caso da mulher era ainda pior a condenação.

No final do século XIX, os debates em torno da sexualidade e prazer aumentam e abrem caminhos para a compreensão sobre o próprio corpo e prazer. Os anos noventa trazem uma série de mudanças nas concepções das sociedades contemporâneas, rompendo concepções antigas e dando à mulher o local de fala sobre seus desejos. Apesar desse movimento de abertura, ainda é preciso muitas mudanças para alcançar uma igualdade de gênero. Mesmo com muito debate e algumas políticas públicas em prol das mulheres, as taxas de violência contra a mulher ainda são grandes. Segundo o site do Senado⁴⁷ o número homicídios de mulheres em 2015 no Brasil foi de 4.616 casos. A cada dia jornais e revistas noticiam casos de feminicídio em todo o país.

A cultura machista, tão enraizada em nossa sociedade, concede permissão para que casos de feminicídio ocorram todos os dias. As justificativas passionais são muito utilizadas, mostrando que o corpo da mulher ainda não pertence totalmente à ela. Ainda vistas como propriedades, mulheres do mundo inteiro sofrem com as pressões de uma civilização machista e moralista, que condena mulheres por suas roupas curtas ou atitudes não femininas. O sofrimento com uma dupla jornada de trabalho são marcas em mulheres que buscam conquistar seus lugares na sociedade, mas que ainda não conseguem ter total autonomia para fazê-la, uma vez que constantemente são lembradas de suas supostas fraquezas femininas.

Desde os anos 2000, a Marcha Mundial das Mulheres procura combater a pobreza e a violência. Em 2010, a criação da ONU Mulheres reforça o combate as desigualdades e defende os direitos femininos. Os dois movimentos agregam nas lutas feministas na busca por igualdade de gênero e respeito pela mulher e seu corpo. A cada ano, mais mulheres compreendem a necessidade da luta por igualdade e percebem a importância de movimentos

⁴⁷ Disponível em <http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/indicadores.html> Acesso em 29 de Out, 2018.

sociais nessa luta. Essa sonhada igualdade, precisa, infelizmente, de luta para ser alcançada. Apesar de avanços ocorridos do século passado para cá, ainda é necessário marchas, campanhas publicitárias, filmes e novelas demonstrarem os abusos e violências sofridas pelas mulheres na intenção de chocar a população para a necessidade de novas políticas e práticas públicas que visem o bem estar e a igualdade entre os gêneros.

O recente crescimento dos ideais fascistas na última eleição brasileira nos mostra que a luta feminina por liberdade e igualdade ainda será grande. Esse fascismo vem carregado de ódio pelas minorias sociais e busca cortar as ondas de liberdade que, após a redemocratização do Brasil em 1985, tanto sofreram para alcançar seus lugares hoje. A principal das liberdades que sofrem com esse ódio é a sexual. A liberdade sexual e os novos gêneros que não se enquadram no binarismo estão sofrendo constantes ataques e considerados ideais ‘subversivos’ e ‘comunistas’. Os discursos assemelham-se muito àqueles do século passado, principalmente os que foram proferidos durante os vinte anos de ditadura militar brasileira.

Essa onda fascista brasileira que pretende acabar com as liberdades das minorias, está ligada com temas polêmicos para o debate, mas necessários para crescimento da nação brasileira, tais como a religião, a política, a violência e o movimento da Escola sem Partido. Os dogmas morais pregados no século passado parecem estar voltando com força e violência para o século XXI. Ideias que remetem à idade média e a caça às bruxas foram proferidas e praticamente encorajadas. As fogueiras da inquisição hoje são as postagens em redes sociais que trouxeram discursos recheados de ódio e sem nenhuma empatia.

Em 1996, quando Iturrusgarai publica a primeira tira de Aline, o mundo estava passando por um processo de abertura, de compreender o diferente e perceber a importância dessa diferença para a sociedade. Os anos noventa trouxeram ao Brasil debates sobre sexualidade, sexo e prazer que fizeram com que as minorias como mulheres, homoafetivos e pessoas trans. pudessem soltar suas vozes e lutar por sua liberdade. Em 2018, o Brasil passa por uma onda fascista, em que as liberdades conquistadas nesses vinte e tantos anos encontram-se ameaçadas, em que minorias que conseguiram espaço estão com medo de aparecer em público, em que as diferenças não estão sendo exaltadas mas sim crucificadas.

Apesar do medo, é possível perceber que o desejo de barrar o ódio e o retrocesso estão presentes em grande parcela da população brasileira. A luta continuará, a passos de formigas se necessário, mas ninguém ficará para trás. Ninguém se esconderá ou se omitirá. A voz que ficou calada durante muitos anos, agora conhece a liberdade e sabe que unida às outras, não pode ser vencida. Que haja coragem para enfrentar o que há por vir, e ousadia para continuar desconstruindo essas verdades não tão absolutas assim. Que assim como Aline, e outras tantas

personagens das histórias em quadrinhos, as mulheres do Brasil e de todo o mundo continuem buscando sua liberdade, quebrando padrões e estereótipos e lutando por igualdade, com vistas à superar as dificuldades e retrocessos. Que continuem avançando até alcançar um mundo em que mulheres não tenham um mais medo de sair à noite na rua nem de serem violentadas; até que homoafetivos não tenham medo de ser quem são; até que todas as minorias possam ser livres.

REFERÊNCIAS

- ABDO, Carmita. **Projeto Mosaico Brasil**. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - Usp, 2008. 67 slides, color. Projeto Sexualidade (ProSex). Disponível em: <http://sites2.uai.com.br/tva/ja2/projeto_mosaico_brasil_coletiva_rj_mg.pdf>. Acesso em: 23 maio 2017.
- ABDO, Carmita. **Sexualidade depois dos 60 anos**: depoimento. Site do Dr. Drauzio Varella. out. 2012. Entrevista concedida a Drauzio Varella. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/entrevistas-2/sexualidade-depois-dos-60-anos/>> Acesso em: 23 jan. 2018. Acesso em: 6 abr. 2017.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. 78 p.
- ANDRADE, Ana Flávia P. **GRANDE HERA!:** A representação do feminino na Mulher Maravilha. 81 f. (Conclusão de Curso em Comunicação Social – Audiovisual). Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2012, Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4234/1/2012_AnaFlaviaPereiraAndrade.pdf> Acesso em 14 nov. 2017.
- BARCELLOS, JANICE. O feminino nas histórias em quadrinhos. Parte 1: a mulher pelos olhos dos homens. **Revista Agaquê**, São Paulo, v. 2, n. 4, nov. 2000. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/indiceagaque.htm>> Acesso em: 25 abr. 2018.
- BARCELLOS, JANICE. O feminino nas histórias em quadrinhos. Parte 2: análise da personagem Aline. **Revista Agaquê**, São Paulo, v. 3, n. 1, jun. 2001. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/indiceagaque.htm>> Acesso em: 25 abr. 2018.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, v.2, 557 p.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, v.1, 343 p.
- BOFF, Ediliane de O. **De Maria a Madalena**: representações femininas nas histórias em quadrinhos. 320 f. (Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-20052014-123753/pt.br.php>>. Acesso em: 27 maio 2018.
- BRASIL. Lei nº 3.071, de 1 de janeiro de 1916. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm> Acesso em: 24 out. 2017.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010, 172 p.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In.: _____ (org). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 7 – 38

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, 215 p.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, 287 p.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. México, D.F.: Debolsillo, 2015, 314 p.

CARDOSO, Ciro; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da Fotografia e do Cinema. In: VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 401 -417.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1987, 239 p.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, 111 p.

CHARTIER, Roger. Diferença entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**, v. 4, 1995, p. 37 – 47.

CIRNE, Moacy. **Para ler os quadrinhos**: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada. Petrópolis: Vozes, 1975, 104 p.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHIMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 21, p.241-275, jan - abr. 2013. Trimestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, 254 p.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequenas histórias das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC, 2000, 108 p.

DORFMAN, Ariel. MATTELARD, Armand. **Para ler o Pato Donald**: comunicação de massa e colonialismo. [S.l.]: Paz e Terra, 1978.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequência**: princípios e práticas do lendário cartunista. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, 176 p.

ENGEL, Magali. História e Sexualidade. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro. (org.) **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 297 – 311.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I** – a vontade do saber. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977, 154 p.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I** – a vontade do saber. 18. ed. São Paulo: Graal, 2007, 176 p.

FREITAS, Fátima Regina Almeida de. Bondage, Dominação/Submissão e Sadomasoquismo: Uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais. In: FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis, **Anais eletrônicos...** Florianópolis: 2010, p. 1 - 7. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278250077_ARQUIVO_FG2010.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

GIONGO, Fernanda Aparecida. **O feminino nas histórias em quadrinhos**: análise sobre a HQ Aline. 2016. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal da Fronteira, Chapecó, 2016.

GLOBO. **Memória Globo**: Aline. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/aline/formato.htm>>. Acesso em: 27 maio 2018.

GOIDANICH, Hiron Cardoso. KLEINERT, André. **Enciclopédia dos Quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 2014, 534 p.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Identidade, subjetividade, alteridade e ética. In: PLONER, Katia Simone et al (org.). **Ética e Paradigmas na Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p.59-71. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/qfx4x/pdf/ploner-9788599662854.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

ITURRUSGARAI, Adão. **Aline**: Era uma vez. São Paulo: Devir, 2001. 48 p. Ilustrações do autor.

ITURRUSGARAI, Adão. Aline. **Folha de São Paulo**. São Paulo, ago. 2009. Ilustrada. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do>>. Acesso em: 8 jan 2018.

ITURRUSGARAI, Adão. **Adão Iturrusgarai em entrevista exclusiva sobre sua personagem Aline**. Site da L&PM Editora. fev. 2011. Entrevista concedida a Paula Taitelbaum. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805133&SecaoID=816261&SubsecaoID=618848&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=809192>. Acesso em: 8 jan. 2018.

ITURRUSGARAI, Adão. **Entrevista: Adão Iturrusgarai – Aline. Depoimento**. Site Impulso HQ.out. 2009. Entrevista concedida a Iuri Martins. Disponível em: <<http://impulsohq.com/quadrinhos/entrevista-adao-iturrusgarai-aline/>> Acesso em: 27 maio 2018.

ITURRUSGARAI, Adão. **Entrevista: Adão Iturrusgarai, criador de ‘Aline’**. Site Boulevard do Crepúsculo. out. 2009. Entrevista concedida a Renato Félix. Disponível em: <<https://renatofelix.wordpress.com/2009/10/01/entrevista-adao-iturrusgarai-criador-de-aline/>> Acesso em: 27 maio 2018.

ITURRUSGARAI, Adão. **O mundo maravilhoso de Adão Iturrusgarai**. Disponível em: <<http://adao-tiras.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (re)construção**: gênero, corpo e publicidade. Cavilhão, Portugal: LabCom.IFP, 2016, 408 p.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008, 281 p.

LACHI, Poliana; NAVARRO, Pedro. O corpo moldado: corporeidade mediada e subjetivação. In: TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro (orgs.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduem, 2012. p.17-38.

LOURO, Guacira L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, maio, 2008.

MASSOLINI, Marcos. **Los 3 amigos**. Disponível em:

<<http://coleccionadoresdehq.com.br/los-3-amigos/>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

MARIZ, Adriana Dantas de. A bruxaria européia. In: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Salete Kern. **Imaginário e História**. Brasília: Marco Zero; São Paulo: Paralelo 15, 1999, p. 61 – 79.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995, 216 p.

MCCLLOUD, Scott. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2006, 240 p.

MURARO, Rose Marie. Prefácio. In.: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 5-17.

NORVAZ, Martha G. KOLLER, Sílvia H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**, v. 11, n. 3, set/dez, 2006, p. 647-654.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 52, p.249-272, dez. 2006. Mensal. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000200011>. Acesso em: 14 set. 2016.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, 82 p.

PRADO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 14-19, dez. 2007.

REVEL, Judith. **Foucault** - conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005. 81 p.

ROCHA, Patrícia Souza. **Mulheres sob todas as luzes**: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009, 240 p.

SENADO FEDERAL. **Indicadores da Violência contra as Mulheres**. 2015. Disponível em: <Disponível em <http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/indicadores.html> Acesso em 29 de Out, 2018.>. Acesso em: 29 out. 2018.

SANTABÁRBARA, Federico Moreno. **Las sensuales lolitas de Íñigo en la prensa**. 2011. Disponível em: <https://www.tebeosfera.com/documentos/las_sensuales_lolitas_de_inigo_en_la_prensa.html> Acesso em: 16 jan. 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20 n. 2, jul/dez. 1995, p. 71-99.

SOHN, Anne- Marie. O corpo sexuado. In.: COURTINE, Jean Jacques. CORBIN, Alan. VIGARELLO, Georges. (orgs). **História do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 109-154.

SOIHET, Rachel. Historia das Mulheres. In. CARDOSO, Ciro F. VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 275-296.

SOTO, Cesar. Aline enfrenta complexos dos 40 anos em nova tirinha diária. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 22 mar. 2014. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/03/1429265-aline-enfrenta-complexos-dos-40-anos-em-nova-tirinha-diaria.shtml>>. Acesso em: 27 maio 2018.

SOUZA, Fabio Feltrin de. Os conceitos de cultura e linguagens na historiografia: um debate interdisciplinar. **INTERthesis**, v. 12, 2015, p. 18-33.

VAZQUEZ, Laura; PIRES, Conceição. Percursos teóricos e metodológicos dos estudos sobre HQs na Argentina e Brasil. In.: RODRIGUES, Rogério Rosa (org.). **Possibilidades de pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 137-169.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisal (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p. 107-128.

WELZER-LANG. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.460-482, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/316>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 7 -72.

YALOM, Marilyn. **A história da esposa**: da Virgem Maria a Madonna: o papel da mulher casada dos tempos bíblicos até hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, 487 p.

ANEXO A – ENTREVISTA COM ADÃO ITURRUSGARAI

***Você começou a publicar tiras em um jornal local, o Jornal do Povo, certo? Porque quis seguir a carreira de cartunista/desenhista?**

Adão Iturrusgarai: Segui carreira de cartunista por insistência, teimosia. Porque é um trabalho com difícil retorno financeiro. Fiz faculdade de Publicidade e trabalhei em agências de propaganda. Abandonei a publicidade em 1993 e me fixei em quadrinhos e humor.

***Sei que já respondeu isso em outras entrevistas, mas porque um triângulo amoroso para Aline? Na época em que criou Aline, Otto e Pedro, pensou na repercussão que teriam?**

Adão Iturrusgarai: A ideia de um triângulo amoroso de uma mulher com dois caras me pareceu mais divertida e mais transgressora. Mais “feminista”, digamos.

***Muitas pessoas associam Aline com a Rê Bordosa, do Angeli, quase como se Aline fosse filha da Rê. Qual sua opinião sobre?**

Adão Iturrusgarai: Eu não fiz pensando nisso. Mas cronologicamente, Aline acabou encaixando como filha da Rê Bordosa. Acho uma ótima comparação porque me sinto “filhote” do Angeli. E tem uma série em que a Aline fica bêbada. Aí é quase plágio, hehe.

***Você desenhou recentemente as tiras de Aline com 40. O que te motivou a voltar desenhar Aline tanto tempo depois?**

Adão Iturrusgarai: Simplesmente deu vontade. Não sei explicar. Acho que sempre fica um pouquinho dos personagens. Foi legal fazer eles mais velhos. Volta e meia faço séries com ela mais velha. E tem dois projetos para rolar, mas por enquanto é segredo, hehe.

***Você acha que a Aline tem algum tipo de anti-feminilidade?**

Adão Iturrusgarai: Não posso responder a isso. Difícil pergunta. A única certeza que tenho é que ela é de papel. Ou era pelo menos. Agora veio o digital, hehe.